

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**Contingências culturais no ciúme romântico: uma análise comportamental a partir da obra**  
*Tudo é rio*

GIULIA GERARDI ERHARDT

**São Paulo**  
**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

Giulia Gerardi Erhardt

**Contingências culturais no ciúme romântico: uma análise comportamental a partir da obra**  
*Tudo é rio*

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Spector Azoubel.

**São Paulo**  
**2024**

## AGRADECIMENTOS

A Análise do Comportamento é grande responsável por me ensinar a olhar pra coisas muito significativas nesse mundo. Uma delas é a ideia de que um organismo, quando interage com o ambiente durante a sua vida, adquire um repertório de comportamentos: torna-se uma pessoa. Sou quem eu me tornei a partir de tudo o que construí junto aos que de alguma forma me acompanharam. Tenho muito a agradecer por isso.

Às professoras e professores do Colégio Santa Maria, especialmente aos do Ensino Médio, agradeço por suscitarem em mim a sede pelo pensamento, pela crítica, pela luta e pela arte. Agradeço por todos os espaços onde tive liberdade de e para criar, experimentar, errar e crescer.

Às professoras e professores da PUC-SP, agradeço por me ajudarem a poder contar essa história. Denize, logo no primeiro semestre de graduação, você foi responsável por despertar em mim o interesse pela AC. Agradeço imensamente por isso. Daquele momento em diante, minha vida mudou completamente. É com muita honra que te convido para o parecer deste trabalho.

Ziza, minha professora de laboratório, com você aprendi sobre a curiosidade e paciência de um analista do comportamento. Paulo, você me ensinou a colocar os pés nas águas da pesquisa, no começo de uma pandemia global. Graças a você, o que poderia ter sido desastroso foi faísca de um futuro grande processo. Macris, você foi a professora mais humana dessa graduação. Consegui criar acolhimento, carinho e risada em uma disciplina sobre métodos e objetividades. Obrigada por isso. Vera, você representou firmeza, potência e sátira em um semestre de muito desespero. Tenho muita admiração por você.

Lurdinha, Cris e Pedro, meus supervisores de estágio no(s) quarto(s) ano(s), de campos na área pública. Que alegria pensar que acertei precisamente nas minhas escolhas. Minha atuação como psicóloga será muito respaldada pelas reflexões, aprendizagens e trocas que fizemos em aulas. Não há nada que retribua os valores sociais que vocês me ensinaram. Carregarei comigo.

Paola, minha supervisora de quarto e quinto ano, sempre aprendo muito com você. É impressionante te ver atuando, tenho sorte de poder acompanhar de perto e me inspirar. Obrigada pelos ensinamentos e confiança.

Agnaldo, o professor mais humano dessa faculdade. Suas supervisões são como um abraço no meio da semana. Eu acredito em uma educação que tenha espaço para dúvidas, espontaneidade, risadas, questionamentos, inquietações e você consegue proporcionar tudo isso e mais. Obrigada pela escuta que transborda afeto, pelo ensinar horizontal, pelos cuidados cotidianos. E claro, pelos momentos de intermédio de informações. Guardo você com um carinho especial.

Amilcar, tenho um mundo a te agradecer por tudo o que construímos juntos. Suas aulas foram, de longe, as que mais aprendi na graduação. Você dá sentido concreto para aquilo que ensina e cria,

seja no meio acadêmico, na arte, nos vínculos. Agradeço por você ter acreditado naquela terceira anista que queria pesquisar, mas não sabia como, o que, com quem. Só sabia que haveria de ser político. Você deu a chance para que eu pudesse encontrar e desenvolver um lado meu ainda desconhecido, tudo com muita segurança e honestidade. Agradeço pela parceria, pela amizade, pelas trocas da vida e claro, pela nossa pesquisa.

À Psicolata Bateria, agradeço a oportunidade de ter vivido duas coisas que amo, juntas: política e música. Tudo isso ao lado de pessoas queridas que marcaram meus três anos e meio nessa entidade, que me ensinaram sobre cuidado, amizade, amor e coletividade.

Às supervisoras, famílias e acompanhados que tive quando fui AT, por confiarem no meu trabalho de início de carreira. Ter encarado a Psicologia na prática já no segundo ano da graduação não foi simples, mas fui construindo aos poucos graças ao amparo de vocês. Jamais esquecerei das minhas primeiras experiências remuneradas. Agradeço também às minhas colegas de trabalho da Talk Kids, pela compreensão e apoio, risadas e trocas muito carinhosas.

Aos meus amigos da PUC, agradeço os momentos incríveis que vivemos juntos, dentro e fora da faculdade. Dos encontros rápidos na Cruz até as viagens com as melhores histórias, sou muito grata por ter construído esses vínculos tão significativos na minha vida. Boa parte da graduação valeu a pena por causa de vocês: Bibi Tavares, Bibi dos Santos, Dan, Gibby, Jones, Ju Magioli, Van, Paula, Ju Eda, Kiki, Righi, Ro, Soxas e Alix.

Tata, você me acolheu e acolhe desde o dia um. Obrigada por estar sempre aqui, torcendo por mim, me incentivando e compartilhando tudo sobre a vida. Por cuidar e proporcionar reflexões muito profundas. E claro, por sempre me entreter do seu jeitinho. Nossa amizade pra mim já é casa.

Isadora, é surreal poder ter uma amiga que pensa tão parecido comigo, mesmo que nós tenhamos vindo de universos distintos. Esse é o poder da Análise do Comportamento rs. Brincadeiras à parte, foi muito importante você ter surgido na minha vida e ter tomado um espaço tão grande. Obrigada por tanto.

Ueda, sem você muitas coisas não seriam possíveis. Começando por esse trabalho, agradeço por ter me apresentado Carla Madeira. Por criar um espaço tão genuíno comigo, onde podemos ser espontâneos e sérios, errar e aprender ao mesmo tempo. Por me acompanhar e permitir ser acompanhado desde a primeira semana de aula, com todas as transformações envolvidas nisso. Seu interesse pelo mundo me inspira sempre a querer saber mais, e isso é uma das coisas que gosto muito sobre mim também. Obrigada por ser um dos melhores ambientes com o qual eu interajo e vejo tanto sentido.

Isa, você esteve comigo sempre. Sem exageros. Não consigo pensar em nenhum momento marcante desses seis anos que sua companhia não se fez presente. E isso diz tudo. Foi com você que aprendi tantas linguagens do cuidado. Obrigada pela sua sensibilidade, amor, sede pela vida e olhar

atento. Quantas vivências incríveis uma amizade tão honesta pode render. Uma enorme parte eu as tive com você. Espero poder ser um pouco para você do tanto que você é para mim.

Ana, que alívio o milagre dos encontros ter acontecido com a gente. Tenho sorte de poder ser cuidada e olhada com tanto amor. Obrigada pelo que fomos recentemente construindo com sinceridade, zelo e carinho. É amizade de se sentir com os pés no chão, descalça, porque se sabe que o terreno é fértil e seguro. Mas é também de se sentir com o corpo leve porque cabe muito riso, dança e espontaneidade entre nós.

Ca e Lelê, a essa altura vocês já sabem. São muitos anos atravessando rios juntas. Obrigada por uma amizade que alimenta potência, vida e crescimento. Ao lado de vocês aprendi coisas que jamais abrirei mão. Confio imensamente em tudo o que vocês têm a me dizer e, das poucas certezas dessa vida, vocês são uma delas. Da Palestina ao mundo.

Dru, agradeço pela história que pudemos construir juntos. Com você vivi transformações que me fizeram enxergar a vida de outra maneira. São memórias de muito afeto. Obrigada pelo espaço largo, sincero e profundo. Tia Marta, você é minha pessoa favorita nesse mundo. Shin e Marcos, levo comigo todos os momentos incríveis, únicos e genuínos, as aprendizagens, as alegrias e sustos, o carinho expressado de formas tão complementares. Obrigada por incentivarem, acreditarem e investirem em mim. Foi com vocês que aprendi e senti o verdadeiro significado de lar.

Aos meus pais, Valéria e Almir, e à minha tia, Cristina, agradeço a paciência, suporte e apoio sempre que precisei. Por lutarem pelas melhores oportunidades, por irem atrás de coisas muitas vezes impossíveis. Houve momentos em que quase desisti, mas graças a vocês pude continuar. Obrigada por acreditarem tanto em mim.

Tuane, minha coorientadora, agradeço pelo incentivo e sustentação no início do meu trabalho. Fico lisonjeada de ter construído essa pesquisa ao lado de uma mulher que compartilha valores semelhantes aos meus e, cá entre nós, um ótimo gosto literário. Obrigada pelas sugestões, indicações e por ter sempre enxergado grande potencial no meu estudo.

Por fim e de grande importância, Marcos, obrigada pela excepcional orientação neste trabalho. Pesquisar não é simples, mas você certamente garantiu ótimas condições para que eu desfrutasse disso com prazer. Agradeço as críticas, as ideias, os apontamentos, as reflexões e a oportunidade de criar junto.

*Se o homem é formado pelas circunstâncias,  
será necessário formar as circunstâncias  
humanamente – Marx e Engels, A Sagrada  
Família*

## RESUMO

ERHARDT, G. G. **Contingências culturais no ciúme romântico: uma análise comportamental a partir da obra *Tudo é rio*.**

Estudos sobre o ciúme apresentam controvérsias dentro da Psicologia, inclusive a respeito da própria definição deste fenômeno. Na Análise do Comportamento (AC), ele pode ser compreendido enquanto episódio emocional, constituído por um conjunto de respostas respondentes e operantes. Por envolver alterações no responder e sobre o ambiente, o ciúme é produto de interações e não um estado interno. A investigação das variáveis contextuais públicas evocativas desse comportamento é dificultada pela predominância de explicações mentalistas no senso comum e na Psicologia, das quais a AC se opõe. Nota-se um déficit sobre o tema na própria literatura analítico-comportamental, principalmente quanto às discussões sobre o papel das práticas culturais na determinação do comportamento ciumento. Assim, esta pesquisa teve como objetivo identificar e interpretar variáveis ontogênicas relacionadas aos episódios de ciúme narrados na obra *Tudo é rio* de Carla Madeira, para discutir de que modo contingências culturais atuam sobre os comportamentos ciumentos das personagens. Foram identificados três episódios emocionais centrais, em que as histórias individuais revelam a construção social dos comportamentos ciumentos. Os resultados das análises de contingências sociais sugerem que as contingências dispostas sob controle de gênero se relacionam com os repertórios de cada personagem. A identificação de variáveis de poder e privilégio e o mapeamento de contingências patriarcais entrelaçadas se mostram fundamentais para analisar a classe de respostas nomeada como ciúme. Finalmente, o presente modo de analisar relacionalmente contingências individuais e culturais indica-se como potencial modelo para análises semelhantes aplicadas a casos reais.

Palavras-chave: “ciúme romântico”; “patriarcado”; “Análise do Comportamento” e “Tudo é rio”.

## **SUMÁRIO**

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                | 9  |
| MÉTODO.....                     | 23 |
| RESULTADOS.....                 | 25 |
| DISCUSSÃO .....                 | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....       | 46 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 48 |

## INTRODUÇÃO

A Análise do Comportamento (AC), sistema psicológico desenvolvido por B. F. Skinner, é caracterizada por uma ciência e por uma tecnologia que se retroalimentam, ambas fundamentadas na filosofia behaviorista radical (Fonseca Júnior, 2020). Nesse sistema, o comportamento – seja ele diretamente observável ou não – é eleito como objeto de estudo, podendo ser definido como tudo aquilo que o organismo faz que possui uma ou mais funções historicamente construídas (Lazzeri, 2013). Compreendê-lo implica identificar as variáveis das quais é função, o que exige olhar para as variáveis ambientais, de ordem social, física ou orgânica, presentes e regressas, que o determinam.

O modelo skinneriano de explicação do comportamento se aproxima do modelo selecionista proposto por C. R. Darwin. Por esse prisma, o comportamento é produto dos processos de variação e seleção em diferentes níveis: filogenético, ontogenético e cultural. Sendo assim, compreender as interações que o organismo estabelece com o seu ambiente implica no exame da história evolutiva de sua espécie (filogênese), de sua história individual (ontogênese) e de sua cultura (Skinner, 1981).

Diferentes contingências estão dispostas em cada um desses níveis. No âmbito da filogênese, estão presentes as contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural de comportamentos típicos de cada espécie, bem como da sensibilidade a aspectos do ambiente (Andery, Micheletto e Sério, 2009). No âmbito da ontogênese, estão presentes as contingências responsáveis pela seleção de comportamentos individuais, adaptados a um ambiente em constante transformação; por exemplo, as contingências de reforçamento, caracterizadas pela inter-relação entre aquilo que o organismo faz, o contexto em que o faz e as consequências que produz (Skinner, 1969). Por fim, no âmbito da cultura, estão presentes as contingências sociais responsáveis pela seleção de práticas culturais (i.e., comportamentos compartilhados por um grupo que ultrapassa o tempo de vida dos indivíduos; Fontana e Laurenti, 2020). Dessa forma, o que se observa no organismo – inclusive, introspectivamente – é efeito do conjunto dos três níveis de seleção.

Sentimentos, pensamentos e emoções constituem um tema básico para qualquer sistema explicativo na Psicologia (Ferreira, Tadaiesky, Coêlho, Neno e Tourinho *apud* Vasconcelos, 2011). Na Análise do Comportamento, tais fenômenos são explicados sob o conceito de eventos privados, a partir da descrição de estímulos e respostas inacessíveis à observação pública direta e que atingem a apenas um único observador (Skinner, 1945). Tal conceito é

central no que se refere às questões da subjetividade. Contrastando com outros modelos explicativos da Psicologia, os eventos subjetivos/privados são interpretados pelos analistas do comportamento como manifestações do organismo como um todo, na sua relação com os diferentes contextos com os quais interage (Tourinho, 2009). Portanto, o que é sentido ou introspectivamente observado não pode ser considerado causa de um comportamento. Eis a proposição comportamentalista:

volte aos eventos ambientais antecedentes para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa. Para cada estado sentido e designado pelo nome de um sentimento, presumivelmente existe um evento ambiental anterior do qual esse estado é produto (Skinner, 1982, p. 103).

Rico, Golfeto e Hamasaki (2012) resgatam que eventos públicos e privados se diferem apenas quanto ao acesso e são regidos pelas mesmas leis do comportamento, portanto, igualmente passíveis de serem estudados. Isso não seria diferente para sentimentos, emoções e até pensamentos: por mais que eventos privados, todos são comportamentos da mesma natureza material, física. Diferente de algumas abordagens da Psicologia, a AC não entende que sentimentos explicam por que nos comportamos da maneira que o fazemos (e.g., bateu o telefone porque estava com raiva). Sentimentos são produtos de contingências, assim como outros comportamentos concomitantes ao de sentir. Ao entender que há diversas variáveis ambientais envolvidas na produção de sentimentos, torna-se possível a investigação e identificação de tais variáveis – sejam elas do nível filo, ontogenético e/ou cultural – para a explicação das manifestações de um organismo.

Em determinados contextos teóricos e até mesmo no senso comum, é possível encontrar uma diferenciação conceitual entre emoções e sentimentos, as primeiras correspondendo a estados corporais e os últimos a processos verbais (Darwich e Tourinho, 2005). Todavia, para a AC, emoções e sentimentos são compreendidas enquanto “relações respondentes, como alterações nas condições fisiológicas diretamente eliciadas por estímulos ambientais, mas que são dependentes de relações operantes com as quais estão entrelaçadas” (p. 117). Skinner destaca, ao longo de sua produção, a importância de operantes ao se tratar de respostas emocionais, mas também aponta sua ocorrência e alteração a relações respondentes.

Seguindo tal lógica, Rico et al. (2012) indicam que “o sentimento concomitante a cada evento ambiental que nos afeta não foi aprendido apenas por condicionamento reflexo” (p. 92). Deve ser abarcado também o papel da história de condicionamento operante do sujeito. Em contingências operantes, se estímulos consequentes reforçadores e punidores surgem diante de determinados estímulos discriminativos, estes podem se tornar eliciadores condicionados das

respostas emocionais antes só produzidas pelos estímulos reforçadores e punidores. Como exemplo, pode-se pensar em uma criança que vai conversar com seu pai e este não quer ser incomodado: reage gritando (punição). O grito pode ser um estímulo eliciador condicionado de algumas respostas relacionadas ao medo (taquicardia) e até possivelmente de respostas relacionadas à dor (contração muscular, choro). A simples presença do pai, uma vez estímulo discriminativo para o filho ir conversar, pode passar a eliciar as mesmas respostas emocionais que o grito.

Para facilitar a compreensão das possíveis inter-relações entre os processos respondentes e operantes, e ainda para fins técnicos desta pesquisa, os termos emoções e sentimentos serão empregados indistintamente e compreendidos como “respostas emocionais”, conforme sugerido por Darwich e Tourinho (2005). Isso se faz possível, inclusive, a partir da ideia de que “as alterações nas condições corporais podem adquirir função de estímulo discriminativo, como a sinalização de uma ocasião para a nomeação apropriada do que está sendo sentido” (p. 117). E, paralelamente, a eliciação de respondentes emocionais pode também ser função de estímulos ambientais consequentes à emissão de um operante pelo próprio indivíduo, evidenciando assim o entrelaçamento de contingências operantes e respondentes que constituem o sentir.

### **O ciúme para a Análise do Comportamento**

Vasconcelos (2011) realiza uma revisão em diferentes literaturas e aponta que a temática do ciúme “é abordada nas mais diversas áreas da ciência, como na Sociologia (e. g. Clanton & Smith, 1998; Clanton, 2006), Medicina (e. g. Ballone, 2010) e Psicologia (e. g. Buss, Haselton, 2005; DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006; Costa, 2009)” (p. 13), revelando, assim, uma atenção que vem sendo dada ao tema no contexto científico. Isso pode advir do fato de que o ciúme está presente, como já apontam algumas pesquisas, em certos conjuntos de situações: “relações amorosas (Branden, 1998; Hintz, 2003), os homicídios (DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006), as condições psiquiátricas (Tarrier, Beckett, Harwood & Bishay, 1990) e a violência (Costa, 2009)” (Vasconcelos, 2011, p. 13). A par disso, diferentes autores têm estudado o tema e seus estudos vêm repercutindo em uma ampla variedade de interpretações teórico-conceituais (Vasconcelos, 2011).

Diante dessa variedade de interpretações, encontra-se uma dificuldade para o avanço na compreensão do comportamento ciumento (Vasconcelos, 2011), já que muitas explicações sobre o fenômeno seguem perspectivas internalistas ou mentalistas (lógica circular em que eventos privados causam os próprios eventos privados), dificultando, assim, a investigação das

variáveis contextuais externas/públicas necessárias para a evocação do comportamento. Ademais, muitas das pesquisas sobre ciúme são de caráter descritivo, e investigam o mesmo por meio de modelos não experimentais (Vasconcelos, 2011) o que, de certo modo, prejudica ainda mais a identificação das variáveis responsáveis pelas manifestações do ciúme.

Em contrapartida, os estudiosos experimentalistas concentram-se principalmente em pesquisar, na Psicologia geral, a relação entre

rejeição social e ciúme (Peterson & Harris, 2009); a relação entre ciúme, autoestima e agressividade (Desteno, Valdeloso & Bartlett, 2006); as manifestações ciumentas em bebês e crianças (Hart, Field, Del Valle & Letourneau, 1998; Hart & Carrington, 2002; Hart, Carrington, Tronick, & Carrol, 2004; Bandeira, 2005; Costa, 2009); e a ocorrência do ciúme no relacionamento entre irmãos (Miller, Volling & McElwain, 2000; Thompson, 2004; Thompson & Halberstadt, 2008) (Vasconcelos, 2011, p. 14).

Embora haja certa representatividade desses estudos na Psicologia, ainda há uma escassez do tema na área analítico-comportamental e, somado a isso, a significativa influência do modelo explicativo mentalista, como anteriormente mencionado. A Análise do Comportamento refuta tal modelo que, ao explicar o ciúme como efeito de fenômenos internos (e.g., “baixa autoestima”, “amor”, “insegurança”, “raiva” entre outros), assume que apenas aquilo que ocorre sob a pele explicaria ações diretamente observáveis, assim ocultando variáveis determinantes do comportamento presentes no ambiente em que o sujeito está inserido.

Além disso, Costa (2009) aponta que o déficit da literatura relacionado à preocupação em identificar variáveis externas presentes em situações de ciúme é especialmente grave quando se avalia que o ciúme permeia importantes questões ligadas à atividade da psicóloga, especialmente na terapia individual, de casais e relacionamentos interpessoais no geral, bem como na terapia infantil, na compreensão e intervenção diante da violência doméstica e até na atuação de organizações. Quando o ciúme é avaliado por meio de aspectos internos, acaba-se ignorando aspectos modificáveis do fenômeno, presentes na interação do indivíduo com o ambiente. Isso leva à limitação da capacidade de atuar sobre o fenômeno. Dessa forma, torna-se cientificamente relevante a expansão da investigação sobre o tema.

A compreensão do fenômeno do ciúme ao longo da história expõe as características de cada época, cultura e regras sociais. Observa-se no mundo ocidental contemporâneo a questão do ciúme nas relações amorosas ganhando um destaque significativo, principalmente pelos efeitos da promoção de valores individualistas, consumistas, instantâneos e transitórios na sociedade capitalista. Isso expressa, conseqüentemente, diversos efeitos nas relações afetivas sob as quais novas concepções acerca do ciúme surgem. Dessa maneira, verifica-se uma

constante renovação e manutenção de vieses expostos conforme o contexto material, histórico e social em que se inserem. Tal renovação, portanto, justifica a necessidade de estudos atuais sobre o tema.

É nesse contexto que a presente pesquisa busca analisar o comportamento emocional presente na narrativa do livro *Tudo é rio* (2021), de Carla Madeira, sob o referencial teórico da abordagem analítico comportamental. Procura-se focalizar em variáveis socioculturais e priorizar as relações indivíduo-ambiente envolvidas nos acontecimentos a fim de evitar a tradicional lógica causalista de entender os sentimentos como causa de comportamentos.

Estudos sobre o ciúme apresentam muitas controvérsias, incluindo a própria definição do fenômeno. Por se tratar de uma problemática atual e frequente no contexto clínico, torna-se necessário discutir sobre aspectos importantes que devem direcionar a atuação do profissional quando se encontrar diante da queixa de ciúme (Costa, 2005). Além disso, embora o ciúme seja pesquisado em diferentes áreas da Psicologia, a Análise do Comportamento tem produzido poucos estudos sobre o tema. Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é trazer possíveis contribuições da área para que se possam verificar, em um exercício de análise literária, algumas das interpretações do Behaviorismo Radical sobre o ciúme.

O primeiro autor a tratar do ciúme na Análise do Comportamento foi Skinner (Vasconcelos, 2011) que, apesar de não abordar com frequência o tema em textos científicos, o fez em sua novela *Walden Two* (1976). Nela, uma de suas personagens afirma que “em uma sociedade cooperativa não há ciúme, porque não há necessidade dele” (p. 93). Com essa afirmação, Skinner enfatiza a importância do contexto cultural para o surgimento desse fenômeno, destacando a relevância da competição nas relações sociais para a ocorrência de manifestações ciumentas.

O enciumar-se enquanto uma contingência ampla pode estar associado à raiva, uma emoção que surge na presença de estimulação aversiva produzida por um terceiro ou pela privação de um evento reforçador positivo (Rico et al., 2012). O ciúme por si implica em uma alteração no repertório total do indivíduo e é incontrolável, ao passo de não se tratar de uma escolha de ação. Pode ser descrito como um episódio emocional que, conforme Thomaz (2012), refere-se a uma alteração na probabilidade de uma classe de respostas sob controle de classes de estímulos. Um episódio emocional bem como de ciúme é constituído pelo conjunto de respostas reflexas (reações fisiológicas) e respostas operantes cujos estímulos tiveram suas funções alteradas. Por envolver alterações no responder e sobre o ambiente, deve ser compreendido como uma interação e não como um estado interno. Acrescenta-se a isso a

ocorrência de alteração na probabilidade de respostas direcionadas a um alvo e no valor reforçador do estímulo consequente.

Menezes e Castro (2001) apresentam que o ciúme, para a AC, é considerado

como um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de consequências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos envolvidos em uma manifestação de ciúme (p. 20).

Neste caso, a ocasião de uma possível perda ocorreria pela presença de um competidor (rival) e, mediante ela, respostas operantes que têm como função evitar essa perda terão sua probabilidade de emissão aumentada (Vasconcelos, 2011). Ampliando essa ideia, Costa (2005) aponta três aspectos relevantes para a análise funcional do comportamento emocional ciumento: (1) ele é o produto de condicionamento respondente e operante; (2) seus eventos comportamentais privados podem controlar operantes públicos (e.g. interrogar, agredir etc.) e (3) pode ser controlado por regras sociais.

Outro ponto acrescido por Costa (2005) é a utilização do termo comportamento emocional ciumento, para tratar do que comumente denominamos “ciúme”. A escolha por essa terminologia se explica pelo fato de que esse fenômeno se refere a um conjunto complexo de comportamentos interligados, alguns deles eliciados (respondentes públicos e/ou privados) e outros emitidos (operantes públicos e/ou privados).

Para a AC, um evento privado é capaz de controlar comportamentos públicos (Costa, 2005). Sendo um sentimento caracterizado por diversos eventos privados e públicos, o ciúme é produto tanto de condicionamento reflexo como operante (Skinner *apud* Costa, 2005). O condicionamento reflexo explicaria as reações fisiológicas que são sentidas quando um indivíduo descreve estar com ciúme, por exemplo, “um aperto no peito, sensação de nó na garganta ou sensação de perda de controle” (Costa, 2005, p. 8). Já o condicionamento operante permite entender como se estabelece a relação entre o que ocorre fisiologicamente com o indivíduo e o que ele faz quando está diante dessa sensação nomeada como ciúme, assim como por que faz o que faz.

Então, acerca do papel do condicionamento operante na compreensão do ciúme, pode-se supor que o indivíduo denominado “ciumento” aprendeu a sentir tal sensação e a emitir determinados comportamentos públicos, sob controle de tal sensação. São exemplos: “telefonar diversas vezes para a(o) parceira(o), fazer perguntas para checar o lugar e com quem a(o) parceira(o) estava e até mesmo seguir a(o) parceira(o), em função de uma história de

reforçamento positivo ou negativo” (Costa, 2005, p. 8). Vale ressaltar que, segundo Menezes e Castro (2001), o ciúme é reforçado em esquema intermitente; logo, a extinção dele leva tempo para ocorrer.

Menezes e Castro (2001) ainda complementam que o ciúme seria reforçado negativamente não só quando remove ou evita a possibilidade de perda de um relacionamento, mas também na medida em que ao demonstrar ciúme, o indivíduo estaria se esquivando de situações sociais aversivas em que seria questionado por não apresentar o padrão socialmente esperado de sentir ciúme em determinada ocasião. Isto é confirmado pelos dados de Pines e Aronson (1983) que demonstraram que indivíduos que relatam ter menos ciúme são discriminados ou punidos.

No que se refere ao desenvolvimento dos comportamentos nomeados como ciúme, Menezes e Castro (2001) apontam para o papel de fenômenos como a generalização e a imitação para a instalação e/ou manutenção de respostas de ciúme no repertório, além de reforçamento positivo e negativo. No nível ontogenético, a generalização pode gerar respostas de ciúme antes emitidas em contingências específicas em outras situações semelhantes, sem que haja uma primeira interação direta entre o responder e os novos estímulos. Exemplifica-se isso quando um indivíduo que antes emitia comportamentos ciumentos apenas com seu par romântico passa a emitir em outras relações, sem previamente ter sido exposto a essas contingências em outros ambientes, tais como com seus colegas.

A imitação também cumpre papel relevante na ontogênese do comportamento ciumento, mas destaca-se para o presente estudo sua importância na prática cultural. Toma-se a mídia (filmes, livros, letras de música) como disparador de modelos de comportamentos aprendidos por observação e mantidos por gerações. Como exemplo, nota-se a postura do eu lírico quanto ao ciúme na letra da música *Ciúme de você*, escrita por Roberto Carlos em 1968: “Se você me diz que vai sair / Sozinha eu não deixo você ir / Entenda que meu coração / Tem amor demais meu bem e essa é a razão / Do meu ciúme, ciúme de você”. Acrescenta-se a tais contingências o controle do comportamento por regras, uma vez que a cultura prega que o ciúme é o “tempero do amor”, isto é, seria positivo demonstrar ciúme como comprovação de afeto.

Pode-se afirmar que situações que envolvem ciúme possuem uma composição tríade entre os seguintes elementos: o sujeito (que apresenta o comportamento emocional ciumento), o objeto (alvo do comportamento emocional ciumento) e o rival (aquele ou aquilo que se aproxima do objeto e passa a competir com o sujeito por reforçadores provindos da relação sujeito-objeto) (Costa, 2009). O comportamento emocional ciumento, em síntese, ocorre apenas

quando duas relações, envolvendo estes três elementos, estiverem presentes (Vasconcelos, 2011): (1) a ocasião para a competição por reforçadores (indicando uma história anterior de punição com presença do rival) enquanto operação estabelecadora reflexiva ou estímulo aversivo condicionado e (2) a consequência do operante (seja por reforçamento negativo – afastamento do rival/atenuação da situação de competição – e/ou positivo – obtenção de atenção).

A relevância do papel da cultura no ciúme pode ser entendida a partir da discussão proposta por Glenn (1989) para a função: (1) do comportamento verbal nas práticas culturais e (2) da competição para a manutenção ou destruição dessas práticas. Considerar o ciúme no nível cultural é compreender o papel da linguagem no controle de comportamentos ciumentos, especialmente da função da descrição (pública ou privada) das contingências (Vasconcelos, 2011). Estas podem ter função de estímulo discriminativo (regra) para o controle de operantes do comportamento emocional ciumento, a partir do quanto isso contribui para a manutenção de uma relação interpessoal em uma prática cultural, como a família e o trabalho.

O ciúme só existe como tal em função de uma cultura que reforça esse padrão, estando o valor de sobrevivência ligado a esse nível e não necessariamente ao filogenético. Para a interpretação da Análise do Comportamento, o ciúme não é necessário às relações mesmo sendo um padrão esperado e reforçado culturalmente (Costa, 2005). As relações podem ser mantidas sem a presença do ciúme. Em suma, são incluídos os papéis desempenhados pela ontogênese e cultura na instalação e manutenção do ciúme, mas não se exclui o valor de sobrevivência que pode ter tido para os ancestrais humanos.

### **Justificativa para uma análise do ciúme na narrativa de *Tudo é rio* à luz do modelo de seleção por consequências**

As leituras acerca do tema do ciúme produzidas pela comunidade brasileira de analistas do comportamento mostram-se restritas. As discussões científicas apresentaram até o presente momento, e em sua maioria, um significativo enfoque no segundo nível de seleção comportamental para a compreensão do fenômeno. Guimarães e Zanello (2023) explicitam que estudos behavioristas não apenas defendem o foco de análise no indivíduo e em seu comportamento emocional ciumento, mas demonstram uma “tendência de avaliar e averiguar comportamentos de outras pessoas envolvidas na situação, no caso do(a) parceiro(a) e do(a) rival” (p. 10). Tal enfoque centraliza a análise do ciúme, por vezes, na história de vida do organismo.

Na literatura externa à AC, estudos buscam analisar como as diversas abordagens teóricas do campo da Psicologia entendem e pesquisam o fenômeno do ciúme. Guimarães e Zanello (2023), por exemplo, realizam uma revisão narrativa de diferentes literaturas trazendo considerações sobre o ciúme em vivências de homens e mulheres. Na metodologia, as autoras fazem o levantamento nas plataformas científicas Scielo e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), o que acaba restringindo a busca ampla de produções acadêmicas do campo da AC. Ao desconsiderar um levantamento nas três principais revistas da área (*Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva e Perspectivas em Análise do Comportamento*), evidencia-se uma limitação de sua revisão literária sobre o ciúme dentro do aporte teórico do Behaviorismo Radical.

A limitação metodológica da pesquisa descrita incentivou um levantamento nas três principais revistas então indicadas, com os respectivos termos descritores utilizados por Guimarães e Zanello (2023): “ciúmes”, “jealousy” e “celos”, com o acréscimo de “ciúme”. Os resultados apontam para uma lacuna relevante nas produções do campo, indicada pela ausência de resultados na *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, apenas um na revista *Perspectivas em Análise do Comportamento* e dois na *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (“O ciúme está relacionado ao amor? Contribuições de uma perspectiva analítico-comportamental”, “Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher” e “Contribuições da Psicologia Evolutiva e Comportamento Acerca do Ciúme”). Além disso, os três artigos localizados na busca abordam o ciúme na sua relação com o tema do amor, ou seja, inespecificamente, ou não exploram fatores culturais enquanto macrocontingências, atentando-se ao tópico apenas para indicar que a cultura reforça regras sobre o ciúme ser ou não algo saudável, sem análises materiais, políticas e históricas estruturadas.

A postura experimental da investigação do fenômeno do ciúme presente nos três artigos mencionados contribui para ampliar o olhar da experiência ciumenta enquanto classe de respostas fisiológicas, emocionais, operantes e vinculadas a eventos antecedentes e consequentes, além de expor a necessidade de analisar as diferentes variáveis determinantes do comportamento presentes no ambiente em que o sujeito está inserido. Entretanto, a AC também possui ferramentas para ampliar o estudo sobre tema ao se propor um enfoque nas considerações sobre contingências, especificamente culturais, que determinam o comportamento ciumento.

O olhar investigativo para produtos culturais é uma herança significativa do Behaviorismo Radical para a Psicologia contemporânea, considerando os estudos sobre

comportamento verbal. Entretanto, a comunidade apresenta certa rigidez nos procedimentos de controle laboratorial (Moore, 1991), enquanto outras linhas teóricas demonstram maior flexibilidade no comportamento de interpretar. Em oposição ao controle experimental formal, manifesta-se a importância da interpretação de fenômenos socioculturais como contribuição metodológica para a área. Moore (1991) aponta que Willard Day, pesquisador da AC e defensor das pesquisas interpretativas, afirma que “muitas das contingências relevantes que afetam o comportamento humano não podem ser facilmente estudadas em laboratório” (p. 100). Adiciona, citando Skinner (1974): certamente não se pode controlar comportamentos do dia a dia com a mesma precisão feita no laboratório, porém, é possível usar os resultados do laboratório para interpretar comportamentos em outros contextos.

Day defende que os behavioristas radicais devem engajar as contingências investigadas no laboratório ao nível da interpretação, de tal forma a “irem para além dos fatos”, apresenta Moore (1991, p. 100). Day também buscou explicitar que ao usarmos instrumentos para amplificar a compreensão dos aspectos de eventos que nos preocupam, estamos entrando em contato com novos estímulos que irão refinar o controle de estímulos sobre nossas ações. A interpretação, portanto, expande a aplicação daquilo que é visto nos estudos comportamentais básicos para contingências subjacentes ao contexto em que estamos inseridos individual e culturalmente. Strapasson, Carrara e Júnior (2007) sintetizam que a AC tem muito a ganhar com o resultado das análises funcionais de produções externas à literatura behaviorista e que fundamentam um modelo de interpretação comportamental.

As condições históricas, sociais e políticas de uma sociedade na qual se produz conhecimento são fatores importantes na determinação das ferramentas e instrumentos em que se apoia a interpretação comportamental. Esta é produto de uma análise funcional do comportamento verbal de propor termos e conceitos dentro do contexto de uma determinada cultura, por meio de produtos como jornais, revistas, romances, livros de filosofia e de história. A leitura desses materiais é considerada decisiva no desenvolvimento de um pensamento analítico crítico (Santos e de Rose, 1999), e pode contribuir para uma análise minuciosa e voltada ao terceiro nível de seleção, de modo a expandir a concepção comportamental do ciúme.

Guimarães e Zanello (2023) defendem que há uma lógica de configurações subjetivas e sociais em relação às emoções, a qual também se delimitam regras culturais sobre os meios de expressão de determinados sentimentos, além das possibilidades e aberturas culturais para tal expressão. Por exemplo, as configurações históricas de posições hierárquicas de poder “podem proporcionar, de modo desigual, vivências emocionais distintas entre homens ou

mulheres” (p. 23). Pode-se complementar que, para a Análise do Comportamento, sentir e demonstrar ciúmes são comportamentos diferentes e, conseqüentemente, inseridos em contingências distintas conforme os marcadores sociais de gênero.

A proposta de ampliar a análise sobre o ciúme para o nível cultural vai de encontro com o compromisso da Análise do Comportamento. Reafirmado por Neves e Cihon (2023), as autoras indicam que é dever excepcional de cada profissional analista do comportamento e cientista comportamental a elaboração de análises que sejam comprometidas com a realidade material e sociopolítico-cultural nas quais se inserem, de forma a evitar a corroboração de práticas opressivas que abrem margem para a manutenção de violências estruturais. Ao tomar a cultura como foco legítimo e central de análise, ou seja, ao incluí-la de fato como determinante do comportamento mais do que simples parte de contingências individuais, podem surgir novas possibilidades conceituais e investigações empíricas (Andery, 2017) que ampliam as investigações de fenômenos sociais.

Um dos possíveis passos para essa expansão é selecionar um produto cultural, neste caso, uma literatura romântica com significativo impacto, para investigar aspectos e valores culturais que marcam comportamentos ciumentados. *Tudo é rio*, de Carla Madeira, é uma obra passível de cumprir com o objetivo proposto, uma vez que, conforme Gomes (2021), traz primordialmente reflexões sobre os temas da narrativa se tratarem de um retrato já superado ou não do Brasil. Segundo o autor, a ideia é transbordar no romance contextos sociais de certos comportamentos que geraram discussões nas últimas décadas, envolvendo a linha tênue entre uma relação amorosa saudável e uma abusiva. O tema não apenas possibilita uma interpretação vasta sobre aspectos do ciúme, mas abrange o reflexo de uma realidade histórico-material-social brasileira que manifesta contingências relevantes a serem analisadas pelo modelo de seleção por conseqüências.

### **O ciúme romântico na obra *Tudo é rio***

O livro *Tudo é rio*, escrito por Carla Madeira e publicado em sua última edição (2021) pela Grupo Editorial Record, é o primeiro romance da autora e apresenta a narrativa de três personagens principais com histórias que se atravessam ao longo dos trinta e cinco capítulos contidos na obra. “Dalva amava Venâncio que não amava Lucy que, em síntese, muito provavelmente, não amava. Ou, ao menos, é o que se infere em uma primeira aproximação” (Sarlet e Ritt, 2022, p. 94).

O enredo ocorre em uma cidade pequena, sem indicação exata da localização e dos anos em que a história se passa, permitindo a reflexão da possibilidade de se tratar de um retrato já

superado ou não do Brasil e dos temas que tangem a narrativa. Segundo Gomes (2021), a ideia é trazer para a literatura determinados comportamentos que geraram discussões nas últimas décadas envolvendo a linha tênue entre uma relação amorosa saudável e uma abusiva. Sarlet e Ritt (2022) complementam que

na obra, tanto quanto na vida, o amor escapa de uma conceituação e se torna alado na medida em que tece uma constante relação com a psique, sua companheira mitológica. Consiste, daí, em recomendável ato de observação cuidadosa a leitura de *Tudo é rio* para que, de fato, se inicie o itinerário em que as personagens são atravessadas pelo imponderável, especialmente quando se trata da alusão à condição da mulher como sujeito de direito e a eclosão da violência familiar (p. 95).

No primeiro momento, conhecemos Lucy, uma prostituta por profissão e gosto, que está acostumada a sempre conseguir o que quer. Enquanto crescia, sabia que queria ser puta - como se autorrefere - e quando se tornou, era a mais requisitada, escolhia a dedo com quem se relacionaria enquanto todos os homens aguardavam uma oportunidade (Gomes, 2021). A personalidade dela pode ser bem retratada em:

‘Quer uma vida mais fácil que a minha, uma puta que gosta de dar? Para toda a cidade isso era uma provocação sem tamanho, qualquer pessoa de bem tolera as putas, com a condição de sentir pena delas. Lucy, dona demais de si mesma, privava as mulheres do exercício da compaixão. Provocava com isso desejos profundos de inferno (Madeira, 2022, p. 12).

Posteriormente, é apresentada a segunda narrativa: Venâncio. A personagem se faz presente no bordel, mas diferente de todos os homens da região, não faz questão de Lucy - o que chama muito a atenção da mulher e desperta sua vontade e determinação de querê-lo a qualquer custo. Paralelamente é descrita a história de Dalva e do romance desenvolvido por ela e Venâncio, que eventualmente se casam e têm um filho. Entretanto, em dado momento, ocorre a trágica morte desse filho e, ao longo da narrativa, entende-se a causa e os detalhes da trajetória de amor entre eles.

É nesse contexto que se desdobra uma análise acerca do ciúme envolvido na narrativa, uma vez que o relacionamento de Dalva e Venâncio é tido como invejado por toda a cidade, construído por uma paixão imensa e desintegrado após o fatal episódio impulsionado pelo ciúme iminente de Venâncio. Já haviam sido presenciadas cenas de descontrole de ciúme do rapaz antes do casório, mas Dalva ainda o aceita em nome da paixão sentida (Gomes, 2021). Demarca-se isso na passagem:

Venâncio e Dalva casaram apaixonados. Perdidamente. Quem via os dois pedia a Deus uma sorte igual. O amor tem nome, mas não é nada que a gente possa reconhecer só de olhar. A dor a gente sabe o que é, tem lugar e

intensidades que cabem na ciência. A raiva, o medo, o ódio entortam a cara com um jeito provável de se manifestar. Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? Gostar de falar, gostar de tocar, gostar de cheirar, gostar de ouvir, gostar de olhar. Gostar de se abandonar no outro. O amor não passa de um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo. No caso de Venâncio e Dalva, o gosto de cada sentido grudava os dois para mais de muitas vidas, pareciam eternos de tão juntos. Um saboreava o outro. Viveram muito tempo assim, irrigados até que Dalva engravidou (Madeira, 2022, p. 19).

É após a oficialização do casório que o grande amor dos dois começa a se desmanchar aos poucos, indica Gomes (2021). Com a gravidez de Dalva, Venâncio passa a querê-la cada vez mais e exclusivamente para si, levando à expressão de comportamentos ciumentos pela diminuição da atenção da esposa a ele e pelo amor incondicional da mãe pelo próprio filho. Tal impacto na vida da personagem apresenta diversos efeitos psicológicos descritos nas cenas decorrentes e, eventualmente, atinge-se o ponto em que Venâncio é “tomado pelo sentimento” (p. 4), e acaba por jogar o bebê pela janela e espancar a mulher que amava.

Considerando que a narrativa é permeada pelo evento central desencadeado pelo comportamento de ciúme de Venâncio, faz-se possível uma investigação de tal fenômeno psicológico na obra, principalmente sobre a maneira como é apresentado e descrito. O exercício de análise dessa pesquisa poderá evidenciar possíveis interpretações embasadas pelo viés da Análise do Comportamento, a partir de trechos e falas das personagens na história. Tal contribuição pode servir para verificar os alcances e limites do referencial comportamental, bem como conferir uma ampliação da compreensão dos eventos que se desencadeiam na narrativa, isto é, permitir uma releitura que traga elementos inéditos para refletir a complexidade da literatura de Carla Madeira.

*Tudo é rio* foi relançado em 2021 e ocupou o segundo lugar no ranking das obras de ficção mais vendidas em 2021 no Brasil, com mais de 40 mil exemplares vendidos (Del Ré, 2021). A forte repercussão do livro indica a presença de variáveis significativas sob as quais o comportamento da audiência ficou sobre controle, bem como fatores do contexto histórico e cultural contemporâneo abordados na obra. Nesse sentido, a escolha do livro para a presente pesquisa diz respeito a um produto individual que causou impactos de efeito significativo na cultura brasileira. Dada a relevância de se considerar a interpretação de leituras externas à AC como um programa de pesquisa (Strapasson et al., 2007), uma análise investigativa literária com ênfase no terceiro nível de seleção poderá contribuir para difundir a AC enquanto prática cultural cientificamente efetiva. Dito isso, o presente estudo busca identificar as contingências ontogenéticas relacionadas aos episódios de ciúme vividos pelas personagens da obra *Tudo é*

*rio* de Carla Madeira, e discutir, a partir da fundamentação teórica analítico-comportamental, de que modo práticas culturais atuam sobre os comportamentos ciumentos.

## MÉTODO

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa conceitual, descrita como uma interpretação da teoria ou de um texto psicológico (Laurenti, Lopes e Araújo, 2016, p. 43). Partindo dessa compreensão, faz-se necessário entender a interpretação analítico-comportamental enquanto metodologia para analisar um fenômeno psicológico descrito em uma obra literária. Malavazzi e Micheletto (2021) indicam que “o método interpretativo possibilita o desenvolvimento do conhecimento científico para além dos limites propostos pela análise experimental” (p. 9). Considerando o comportamento das personagens narradas no romance *Tudo é rio* como objeto de estudo, a escolha do método é justificada pela proposta dos autores, pois “envolve a inferência de relações funcionais, a suposição de variáveis de controle e a especulação sobre processos de variação e seleção nos três níveis de determinação” (p. 9).

### Fontes

A fonte única para a coleta de dados foi a obra *Tudo é rio*, escrita por Carla Madeira. Conforme mencionado anteriormente, tal fonte se justifica por abordar temáticas de relevância atual e forte repercussão no público brasileiro, indicando a presença de variáveis significativas sob as quais os leitores ficaram sob controle, das mais diversas maneiras. Mais especificamente, a pesquisa debruçou-se sobre as passagens em que as personagens principais expressavam vivências relacionadas ao ciúme, conforme o objetivo.

### Procedimento

Partindo do livro enquanto material de coleta, foi realizada uma primeira leitura a fim de selecionar os trechos em que os termos “ciúme” e “ciúmes” aparecem na narrativa. Os dados encontrados foram transcritos e organizados em uma planilha. Durante a coleta, notou-se necessária a inclusão de parágrafos subjacentes que não continham os termos, mas que se relacionavam aos comportamentos ciumentados das personagens. Tais trechos descrevem episódios emocionais de ciúme ou referem-se indiretamente a tais episódios (e.g. observações, explicações ou justificativas feitas pelas personagens e/ou narrador), seja pela descrição de possíveis variáveis do comportamento ciumento ou de eventos passados em histórias individuais que alteraram a forma das personagens lidarem com o ciúme.

A partir dos dados coletados, foram identificados três principais episódios emocionais vividos pelas personagens Venâncio e Lucy, cuja interação entre um comportamento respondente (condições corporais) e operante (relação organismo-ambiente) resultou nas

respostas de ciúme. Com isso, uma segunda leitura da obra foi realizada com o objetivo de identificar as contingências narradas ao longo da história de vida de Venâncio e Lucy que estão direta ou indiretamente relacionadas ao comportamento ciumento e à topografia dessas respostas (e.g. agressividade, tristeza). As contingências da história individual de cada personagem explicitarão as variáveis que possivelmente determinaram a construção do repertório pessoal que levou ao comportamento ciumento em cada um dos episódios emocionais centrais, bem como aos comportamentos decorrentes.

Seguindo o método de análise de situações envolvendo ciúme proposto por Costa (2009), a segunda leitura da obra também ficou sob controle de elementos que compõem a relação triádica do comportamento ciumento apresentado em cada um dos três episódios: quem seria o sujeito (aquele que apresenta a resposta emocional ciumenta), o objeto (alvo do comportamento emocional ciumento) e o rival (aquele ou aquilo que ao se aproximar do objeto, passa a competir com o sujeito por reforçadores decorrentes da relação sujeito-objeto). Uma vez reconhecidos tais elementos, procurou-se desenvolver a construção das contingências de cada episódio de ciúme a partir dos critérios que o caracterizam, descritos por Vasconcelos (2011) como a presença de competição por reforçadores enquanto condição antecedente e o afastamento do rival; a atenuação da situação de competição; e/ou atenção do sujeito-alvo como consequência mantenedora.

Com base nos dados levantados pela busca das variáveis ontogenéticas que atuaram sobre o comportamento de Venâncio e Lucy e pela identificação dos elementos que caracterizam os episódios emocionais ciumentos descritos, visou-se compreender o contexto geral em que cada resposta de ciúme foi emitida. A análise do contexto é uma etapa fundamental para investigar e interpretar qual seria o papel dos fatores culturais na determinação dos comportamentos ciumentos na narrativa, conforme o objetivo da pesquisa. Assim, a discussão apresentará uma análise dos episódios de ciúme a partir de aspectos do nível cultural de seleção, a fim de expor a relação indissociável entre as variáveis da história de vida das personagens, os determinantes culturais da sociedade em que se inserem e, finalmente, a maneira na qual agem no mundo.

## RESULTADOS

A busca para compreender os três episódios emocionais de ciúme vividos por Lucy e Venâncio resultou na seleção de 45 trechos retirados da obra de Carla Madeira. De maneira geral, indicam a topografia dos comportamentos ciumentos, as situações que antecederam e sucederam tais respostas emocionais, descrições verbais (reflexões, observações) das personagens protagonistas e outras sobre o ciúme e, finalmente, descrições (relatos) de contingências da história pessoal dos protagonistas. Nos trechos também se encontram os elementos que caracterizam a relação triádica dos episódios de ciúme. Para fins metodológicos, os episódios serão apresentados e analisados conforme a ordem cronológica que seguem os eventos da história das personagens, e não pela maneira em que aparecem ao decorrer da obra (*flashbacks*).

### Episódio emocional I – Venâncio e Bambu

Em determinado momento na trajetória romântica vivida por Venâncio e sua companheira Dalva, esboça-se um primeiro conflito de disputa por reforçadores, característica importante dentro de um episódio de ciúme de acordo com Costa (2009). Nele, Venâncio sente desconforto em situações comuns à família de Dalva, como os encontros caseiros para reunir amigos e fazer música, que ocorriam com certa frequência. Observa-se como Venâncio enxerga sua relação com Dalva em risco:

“A graça de Dalva cantando, sua voz afinada, a maneira como ela emprestava sentido ao que as músicas diziam, seu jeito de corpo, eram tão atraentes para ele que não podiam deixar de ser para todos os rapazes da sala. Na cabeça de Venâncio, quem olhasse para ela não escaparia de seus encantos. Era impossível não se apaixonar. Seriam todos tomados por um desejo incontrolável de conquistá-la. Se torturava inseguro, sufocado de contradições. Queria apagar a luz de Dalva na sala e acender no quarto, só para ele” (Madeira, 2021, p. 94).

Observando as respostas ciumentas de Venâncio dentro de uma contingência de controle aversivo, destaca-se a forma pela qual ele se expressa emocionalmente, produto do seu histórico de interações com o ambiente. Nota-se um sentir que é silencioso, recluso, e uma tentativa de criar previsibilidade às situações, de maneira a ter algum controle sobre o que ocorria:

“Não era ciúme comum, daqueles que provocam cenas inflamadas, caras emburradas, atitudes intempestivas ou retiradas dramáticas. Era ciúme calado, profundo, triste. Nas noites em que a casa se enchia de amigos dos irmãos de

Dalva, Venâncio ficava sem lugar, vigiava os olhares o tempo inteiro. Não tinha sossego. Procurava a certeza de que tinha razão. Era como se tentasse se preparar para o pior ganhando em troca o consolo de não ser pego de surpresa: eu sabia, eu disse que ia acontecer” (Madeira, 2021, p. 94)

Venâncio já experimentava a vivência de uma disputa a partir das observações de comportamentos públicos dos amigos de Dalva. Ações como olhar ou sorrir para o outro, trocar gestos de carinho, cantar e dançar juntos poderiam estar sendo inferidas como comportamentos que acompanham eventos privados tais como “querer” e “desejar” Dalva. Nesse sentido, ao ver interações desse tipo, Venâncio deduzia uma competição já em andamento. Estabelecia a ocorrência de eventos passados como critérios de rivalidade (e.g., quem tinha vínculo com Dalva há mais tempo) e descartava a culpa da companheira nessa dinâmica por ele presumida.

O comportamento descrito de Venâncio pode ser analisado por contingências de esquiva (Sidman, 2011). A tentativa incessante de admitir para si que suas conclusões tinham causas justas demonstra uma esquiva de certos estímulos aversivos condicionados, como punições por comportamentos socialmente indesejáveis (e.g., preocupar-se com vínculos sociais de Dalva, querer sua atenção exclusiva). Assim, procurava ter a certeza de que tinha razão ao racionalizar da situação, sob controle dos estímulos que alteraram seu próprio comportamento na história de apaixonamento por Dalva. E isso bastava para justificar a suposta atração que outros homens, rivais, poderiam chegar a sentir, assim como ele sentiu. Comprova-se em:

“Entre eles (Dalva e amigos de longa data da família) existia alguma coisa que não estava ao alcance de quem chegou depois. Venâncio não via em Dalva nenhuma atitude de provocação, não percebia nela olhares, insinuações, algum tipo de sedução sutil. O problema não era ela. Eram eles. Eles acabariam vendo o que Venâncio tinha visto, sentiriam o que ele sentia, iam desejar Dalva, fantasiar com ela, lutar pelo seu amor. Mais cedo ou mais tarde se declarariam. Era nesse inferno que as certezas de Venâncio caminhavam. Não pensava em brigar com Dalva, pensava em se livrar dos rapazes. Ruminava. Arquitetava. E, quando as alternativas iam ficando violentas, ele mesmo afastava os pensamentos sem poder impedir que eles retornassem. Insistentes” (Madeira, 2021, p. 95).

Venâncio então começou a emitir comportamentos descritos como ciumentos em uma magnitude maior. Respostas públicas passaram a ser observadas por outros, de forma que Aurora, mãe de Dalva, “percebia de longe a agonia tomar conta dele, (...) tenso na vigília” (Madeira, 2021, p. 95), mas ainda acreditando que “Venâncio é novo, esse fogo de querer controlar tudo passa” (p. 95). Dalva também reconhecia tais comportamentos do companheiro sem ter muitos recursos disponíveis para amenizar. Acabava, por vezes, reforçando respostas públicas e privadas ao demonstrar afeto (reforçador positivo generalizado) quando o notava

afastado, com “cara fechada”: saía do lugar de centro de atenção dos supostos rivais de Venâncio para dar atenção exclusivamente a ele, possivelmente consequenciando seu isolamento, seus comportamentos públicos e pensamentos que os acompanhavam. Não conversavam sobre isso, mas Dalva demonstrava estar atenta como

quando via Venâncio longe, com o pensamento agarrado em alguma coisa, reconhecia o jeito dele de se afastar e não se desgastava. Chegava perto, manifestava carinho e voltava para a roda. Aos poucos ele também voltava ao normal e a vida seguia (Madeira, 2021, p. 95).

Enquanto mantinha-se calado e rodeado por uma tensão invisível (Madeira, 2021), Venâncio foi construindo aquilo que levou de fato ao seu primeiro episódio emocional de ciúme com Bambu (apelido para Ildeu), amigo de infância de Dalva. Nesta cena, percebem-se nitidamente os elementos da relação triádica do comportamento ciumento: o sujeito, o objeto e o rival. Venâncio é quem apresenta a resposta emocional ciumenta, com topografia violenta; Dalva é o objeto alvo desse comportamento e Bambu/Ildeu é aquele que se aproxima do objeto e compete por reforçadores decorrentes da relação de amizade com Dalva. O episódio começa quando

Dalva foi abrir o portão no exato momento em que Venâncio dobrou a esquina. Ildeu (amigo) entrou no alpendre fazendo mistério com as mãos escondidas nas costas. Carregava um buquê de flores do campo coloridas e delicadas. Venâncio viu, parou para acompanhar de longe a cena. Adivinha o que tem aqui? Um presente pra mim? Não acredito Bambuzinho! Dalva se alegrou, se colocou diante de Ildeu, a uma distância menor do que de costume e implorou charmosa: Mostra, vai! Ildeu trouxe as mãos para frente revelando o buquê com seu laço de fita acetinado. Uma flor para uma flor, zombou com carinho! Dalva levou as mãos ao rosto e deu um gritinho de alegria. Sapateou de leve. Era a primeira vez que ganhava flores. Com os olhos fechados, respirou profundo, tentando sentir o perfume. Ildeu roubou uma flor e colocou atrás da orelha de Dalva, passou a mão por seus cabelos, se aproximou para um abraço apertado e sincero: Feliz aniversário, Dalvinha. Para Venâncio, que via sem ouvir, a conversa era outra. Imaginou uma declaração de amor com riqueza de detalhes. Não teve dúvida do desejo que presenciava. Eu sabia o que ia acontecer! Pensou no texto completo, ele dizendo que estava apaixonado, que esperaria por ela o tempo que fosse necessário. Eu sabia. Acompanhou a reação de Dalva paralisado. Viu quando ela se colocou na frente daquele ossudo estúpido, olhos nos olhos, quase sentindo o hálito um do outro, viu quando ela levou as mãos ao rosto, sua dancinha sedutora, a intimidade da flor sendo colocada em seus cabelos” (Madeira, 2021, p. 96 e 97).

Posteriormente, a principal resposta emocional ciumenta de Venâncio aparece em:

“Nessa hora, começou a correr em direção aos dois, trombou em algumas pessoas, atravessou a rua sem olhar, chutou o portão para entrar e partiu para cima de Ildeu. Deu um soco na cara dele, com toda a força que pôde reunir. Com o rosto arrasado, Ildeu caiu no chão atordoado, fazendo um corte severo no braço, que estourou na quina na escada. (...) Você não encosta a mão no que é meu, que eu não encosto a mão no que é seu, seu merda” (Madeira, 2021, p. 97).

Nesse episódio, é possível notar características relevantes acerca do ciúme tal como é compreendido pela Análise do Comportamento. Quando Venâncio fez uma leitura do encontro entre Dalva e Bambu, evidencia-se que a situação teve provável função de estímulo aversivo condicionado, por conta do contato parcial com o estímulo presente – o que acentuou a topografia de flerte. Seu responder ficou sob controle de propriedades específicas de estímulos presentes no comportamento de se declarar amorosamente a alguém (e.g., Bambu dando flores, aproximando-se fisicamente de Dalva; ela colocando a mão no rosto, gritando e sapateando de alegria). Mesmo não sendo esta a situação entre os amigos, a “ilusão” de Venâncio é produto de sua história de reforçamento e do controle aversivo ali disposto na contingência. A interpretação da interação indicou para ele uma possível perda de reforçadores, condição antecedente para a resposta de agressão. Quando socou o rival, provocou o afastamento deste, causou dano como efeito reforçador e atenuou-se a situação de competição.

A topografia da resposta de socar Bambu relaciona-se às contingências vividas por Venâncio ao longo da sua vida, de tal forma que a alteração no seu responder, a partir da emoção de ciúme sentida, ocorre em função de uma consequência que se torna relevante, reforçadora: agredir o rival. A razão pela qual a agressão (e.g., socar, bater) surge como uma resposta selecionada e presente no repertório de Venâncio aponta para eventos passados, onde certas interações cumpriram papel de modelar tal comportamento. Isso aparece na narrativa, a seguir:

“Querida briga em qualquer conversa. (...) Venâncio tinha vergonha da brutalidade dele. Muitas vezes quis que o pai desaparecesse. Sofria a insuportável saudade de um pai que nunca teve (...). Tinha vontade de machucar o pai. Querida doer nele a dor que sentia. (...) não desaprendia os anos que viveu com o pai” (Madeira, 2021, p. 75 e 76).

O desfecho do primeiro episódio de ciúme da narrativa segue com o desapontamento e a dor de Venâncio ao perceber que estava errado quanto à interação entre Bambu e Dalva: “teve vontade de chorar, mostrar que tinha razão, não estava louco, tinha visto aquele merda se engraçando com Dalva” (Madeira, 2021, p. 97). Essa dualidade é característica de repertórios punidos e reforçados ao mesmo tempo (Skinner, 1953/1965): por um lado afastou Bambu e por outro, produziu aversivos sociais. Não obstante, sentiu culpa e retomou traços da relação com

seu pai, responsabilizando a maneira com a qual lidava com o próprio filho pelos seus atos no presente. As reflexões de Venâncio se mostram em:

“A certeza do que tinha visto começou a se diluir. Sentia vergonha de ser o que era, filho de seu pai. Experimentou o que odiava nele. (...) Não sabia o que sentir, ia da certeza à dúvida, da razão à culpa, do ódio ao amor sem intervalo. A dor de ser sozinho latejava como nunca. Eu sabia” (Madeira, 2021, p. 98).

Finalmente, evidencia-se a repercussão do episódio em Dalva, que expulsa Venâncio e se isola, e em Aurora, que considera a reação dele inaceitável. Madeira (2021) escreve: “a grande fraqueza de Venâncio mostrou sua força. Dalva preferia não ver, e dona Aurora, embora preferisse também, não conseguiu escapar. Viu. Venâncio sofria de ciúme” (p. 94). Passou por retaliações sociais e pelo afastamento tanto de Dalva quanto de outros. Com função de reaproximá-la e garantir o acesso exclusivo a reforçadores relacionados à relação, ele a pede em casamento. Ela aceita e isso leva ao início do segundo episódio emocional de ciúme, renunciado por Aurora:

“Você acabou de ver o ciúme dele mostrar os dentes e viu que é feio pra valer, é feroz e está vivo. Pode até cochilar, dormir um sono profundo, mas morrer mesmo só quando Venâncio morrer com ele. Não se iluda. O ciúme pode destruir qualquer amor. Dá muito trabalho não deixar ele devorar a alegria de ficar junto. Eu sei que isso é só uma parte de Venâncio, não é ele todo, e mesmo assim meu coração aperta quando penso, tenho cisma, não é de hoje” (Madeira, 2021, p. 102 e 103).

## **Episódio emocional II – Venâncio e Dalva**

O casamento de Venâncio e Dalva marca um momento crítico na narrativa, em que se observa a esperança do marido ao tentar garantir, acima de tudo, determinado arranjo de contingências. Para Venâncio, a fidelidade matrimonial certificaria que só ele teria acesso a alguns reforçadores dispostos por Dalva, específicos de uma relação conjugal (i.e., atenção, amor romântico, relação sexual). Tal condição trazia alívio para Venâncio por motivos que não o casório propriamente dito, indicando a possibilidade de reforçamento negativo. Sensações de segurança, alívio e esperança acompanham a função do comportamento de se casar: alterar, por sua vez, a função de Dalva para possíveis concorrentes, afastando-os. Identifica-se isso no dia em que o evento ocorreu:

“Venâncio teve certeza de que ninguém escaparia, de que as flechas acertariam os corações ali presentes. Abandonou o pensamento com firmeza. Hoje, não! Hoje, todos vão saber que ela é minha pra sempre, não há o que

temer. Se agarrou a essa ideia com força, ainda que no fundo, lá, no lugar onde a carne encontra o osso, ele sentisse o peso do ciúme” (Madeira, 2021, p. 107).

Após o casamento, Venâncio e Dalva ficaram à espera de um filho. No decorrer da gravidez, observa-se a expectativa que o casal, sobretudo Dalva, tinha sobre o bebê. Ao passo em que o filho nasce e as demandas de parentalidade vão surgindo, começam a aparecer também os primeiros sinais do que se caracterizará como um segundo episódio emocional. Acompanha-se isso em Venâncio:

“Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava às mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo, tardes inteiras cantando canções de ninar com uma voz débil, daquelas que os adultos fazem quando pensam encantar as crianças. Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele e foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela barriga crescia um ladrão que ia roubar para sempre a mulher de sua vida” (Madeira, 2021, p. 20).

As contingências estabelecidas vinham produzindo ao marido a perda de uma atenção recebida, considerando a gravidez que necessitava da atenção de Dalva: “Venâncio, quando viu a barriga de Dalva crescer, foi vendo crescer nele um ciúme doentio” (Madeira, 2021, p. 20). Isso indicou para Venâncio o surgimento em potencial de um novo rival. O comportamento ciumento dele, determinado por uma história individual de competições entre amigos de Dalva, do momento com Bambu e pelo pedido de casamento, chegara ao seu limite quando seu próprio filho, antes tão esperado, contraditoriamente sinalizaria uma perda de reforçadores. A cena a seguir torna isso notório:

“quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido (...) sem que ele tivesse o excitado” (Madeira, 2021, p. 20).

A resposta de ciúme de Venâncio, em seguida: “o momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou” (Madeira, 2021, p. 21).

Neste episódio, os elementos da relação triádica podem ser identificados como Venâncio sendo o sujeito que emite a resposta emocional, Dalva sendo objeto do comportamento de ciúme e o filho enquanto rival que disputa por reforçadores da relação com o sujeito-objeto. A topografia da resposta de Venâncio é de violência também, porém o alvo

do espancamento é o sujeito-objeto pelo qual ele deseja, diferentemente do que ocorre no episódio emocional I. Bambu e o bebê ilustram para o sujeito em cada situação a presença de competição por reforçadores, isto é, configuram-se como estímulos aversivos condicionados que antecedem a resposta, mas Bambu é violentado em busca de um afastamento, e por mais que o bebê também tenha sido alvo de violência ao ser atirado pela janela, é Dalva a quem Venâncio primordialmente direciona sua agressão no episódio II. Em outras palavras, o valor reforçador de causar dano a Dalva pode ter sido maior.

Na sequência da história, Venâncio demonstra-se assustado pelo que havia feito à Dalva e ao filho, sem entender por que havia agido daquela forma. São descritas passagens com memórias dos aspectos da relação dele com o pai, indicando contingências passadas em que Venâncio foi exposto à violência em situações de vulnerabilidade. A raiva que sentia de si relacionava-se diretamente à raiva presente no histórico de interações com o pai:

“No dia em que atacou o filho, Venâncio fez aquele mesmo caminho acompanhado também pela loucura. Sentiu muita raiva de si mesmo. Lembrou da primeira vez que odiou seu pai. Foi na hora do almoço, ele era muito pequeno e derramou um copo de suco na toalha branca. O pai bateu a cara dele na toalha molhada até o nariz sangrar. Pra você aprender a prestar atenção, falou aos berros. (...) Reconheceu: era pior do que o pai” (Madeira, 2021, p. 142).

Em outra passagem, Venâncio reflete sobre as consequências de crescer inserido em uma família com um pai abusivo: “pensou no pai e pôs a culpa nele. Repassou um a um os piores momentos. O suco na toalha, as grosserias repentinas, as reclamações constantes, a violência física, o humor desagradável. A vergonha de ser seu filho” (Madeira, 2021, p. 155). E apesar de não culpar o pai pelo que tinha feito, atribuía a ele a razão de ser quem se tornou hoje, “por não ter escapado do que viveu, não ter se transformado em outra coisa” (Madeira, 2021, p. 156). Tal comportamento pode ser analisando também como mecanismo de defesa, em que “uma maneira de esquivar do consequente autodesprezo é nos cegarmos a nossa própria conduta atribuindo-a a alguém mais, projetando-a nos outros” (Sidman, 2011, p. 184).

O episódio leva ao cenário em que Dalva passa a evitar Venâncio a qualquer custo, mesmo ambos habitando a mesma casa. Com a perda do filho, ela entra em um estado deprimido e isola-se de todas as relações estabelecidas na cidade. Venâncio por muito tempo insiste em tentar acessá-la pedindo desculpas, ajoelhando-se, gritando, implorando perdão (Madeira, 2021), mas permanece apenas com a ausência e dor. Tal passagem assemelha-se funcionalmente à tentativa de reaproximação no pedido de casamento, porém dessa vez, sem sucesso. Depois de alguns anos, ele passa a frequentar a casa de prostitutas onde conhece Lucy.

### **Episódio emocional III – Lucy e Dalva**

As características da personagem Lucy são apresentadas como marcantes desde o início da obra. É possível interpretar, a partir de trechos sobre sua infância e adolescência, como foi sendo construído seu repertório e por quais razões ela agiu da maneira em que o fez no episódio de ciúme.

De início, revelam-se alguns aspectos importantes sobre como Lucy agia no mundo ainda quando criança. Madeira (2021) narra que “quando não sabia ainda nenhuma palavra, já era boa em deixar claro o que queria. (...) Sabia insistir. Viu que funcionava” (p. 35). Ao passo em que seus comportamentos eram modelados pelas contingências de sua comunidade verbal, também surgia sua autoconsciência. Por exemplo, percebem-se respostas verbais de mando sendo reforçadas: “oh! Menina impossível, quando quer alguma coisa ninguém segura, falava orgulhoso o pai. (...) estava certo demais que essa era uma qualidade essencial ao bom futuro da filha” (Madeira, 2021, p. 36). Pelas vivências que teve ao longo do seu crescimento, nota-se que alguns comportamentos foram fortalecidos e mantidos em detrimento de outros.

A trajetória de Lucy não se mostrou simples. A reação frente à morte precoce dos pais é descrita na narrativa como algo que representaria sua personalidade no futuro, do qual não aceitaria mais nenhum “não” em sua vida. Demonstra-se isso em:

“Quando já estava acostumada a ter o que bem entendia, perdeu a mãe e pai ao mesmo tempo. No dia do enterro, não teve quem não sentisse dó vendo aquela menina ordenar aos pais que se levantassem. (...) Foi seu primeiro não intransponível. Sem saber, ela jurou que seria o último” (Madeira, 2021, p. 35).

Vivendo esse luto, Lucy passa a habitar a casa de seus tios, com primas da mesma idade. Os processos de frustração frente à preferência e maior cuidado da tia com as próprias filhas, em contraste à atenção significativa que costumava receber dos seus pais, iam revoltando Lucy. As tentativas malsucedidas de construir um vínculo de afeto com a tia, que explicitamente a menosprezava, levaram Lucy a buscar saídas para alterar as contingências aversivas que causavam sentimento de raiva e desamparo. A perda de fontes importantes de reforçamento que atendiam a todas suas demandas (i.e., dispunham muito reforçamento), somada à ineficácia de respostas antes efetivas e às punições apresentadas por essa família, configuravam para Lucy um contexto de muita aversividade. Encontrou, através do interesse sexual do tio por ela, uma maneira de mudar e dispor as contingências produzindo dano à tia, topograficamente uma vingança por todos aqueles anos vividos.

Em privação de reforçadores sociais, Lucy possivelmente encontrou, por meio do sexo, formas de produzir consequências reforçadoras diversas, incluindo atenção, reforçadores incondicionados (e.g., orgasmos), dinheiro, entre outros. Ao ser exposta a isso por meio do tio, certos comportamentos foram reforçados e fortalecidos. Dentre eles, Lucy passou a explorar as possibilidades existentes para incitar em todos ao redor um desejo incontrolável por ela. Manipulava as situações a fim de despertar o interesse dos homens que eram seu alvo, assim recuperando o controle para alcançar o que queria – respostas que já produziram reforçadores no passado – e, ao mesmo tempo, ter tudo e todos aos seus pés (Madeira, 2021). Foi construindo sua reputação: “enlouquecia qualquer um que passasse pelos seus cuidados. Não tinha um que não quisesse mais” (p. 11) e, frente às mulheres, tal reputação demarcava os terrenos de rivalidade: “as senhoras mais respeitadas se uniam para exigir de Deus que tornasse difícil a vida fácil dela” (p. 12).

Lucy foi expulsa de onde morava e juntou-se às prostitutas da casa da cidade. Sentia-se imponente por atrair diversos homens e isso determinava as relações que estabelecia dentro da casa: “precisava das outras putas para se ver melhor, apreciar a inveja que a diferença entre elas ia esfregar no nariz de cada uma” (Madeira, 2021, p. 119). Sendo capaz de disponibilizar reforçadores importantes, Lucy foi cada vez mais adquirindo poder. Viveu por muito tempo seguindo a lógica de que “uma beleza disputada a tapa pelos frequentadores dava a ela o poder de não bastar aos olhos: quem via Lucy queria degustar” (p. 11), até o momento em que Venâncio passa a frequentar o prostíbulo, mas recusa-se a deitar com Lucy.

Ao surgir na vida de Lucy sem se submeter às condições há anos por ela impostas, Venâncio simbolizava um “não” do qual ela não estaria disposta a acatar. Enfureceu-se: “Lucy se encheu de desafio, qualquer custo era o preço que pagava para levar Venâncio para dentro. Questão de honra, condição para calar a boca das despeitadas e manter sua fama à altura do que era capaz na cama” (Madeira, 2021, p. 13). Quanto mais ele recusava, mais Lucy sentia sua reputação ameaçada e tornava aquilo eixo central de sua vida, causando tumulto na casa, recusando deitar-se com outros homens, até tentando forçar a relação com Venâncio ao se trancar em um quarto com ele: “ninguém, no começo, entendeu que Venâncio se tornaria uma questão de honra (...) que pudesse virar uma paixão obstinada. (...) Um homem tão pouco desejado por tanta gente virou o único assunto da vida dela” (p. 31). Indicam-se, inicialmente, os efeitos da extinção nos comportamentos de Lucy.

Quando descobre a relação entre Venâncio e Dalva, mesmo sem saber do rompimento entre o casal, Lucy direciona sua raiva inteiramente a ela. Nesse sentido, começam a se esboçar os indícios das expressões de ciúme de Lucy, demonstrados quando “a humilhação de implorar

pelo sim se transformou em ódio, ódio de Dalva, a vaca empacada no caminho de Lucy” (Madeira, 2021, p. 125). Passou então a observar minuciosamente a rua em frente à casa das prostitutas, por onde Dalva atravessava diariamente:

“No primeiro dia apenas olhou (para Dalva), ventando por dentro, deixando aos mais atentos o presságio do que viria. Olhou atrevida, de cima para baixo, sem enxergar dor nenhuma. Mediu o peito, vigiou as pernas, imaginou a bunda nua. Uma bunda murcha, segundo seus cálculos. A cabeça erguida lhe pareceu uma provocação. Não disse nada, mas ruminou. Azedou por dentro. Foi soprando insistente a fagulha. Como aquela mulher se atrevia a andar no seu passeio? A desfilar na sombra da sua casa? A ser mulher do homem que não queria saber dela?” (Madeira, 2021, p. 32).

Paralelamente, Lucy não desistia de Venâncio. Tinha em seu repertório comportamentos fortes que entraram em extinção (e.g., comportamentos com função de conquistar o outro). Não aceitava ser recusada daquela maneira e chegou ao desespero quando percebeu que as outras prostitutas já a humilhavam pela situação (Madeira, 2021), isto é, estimulações aversivas que foram sendo dispostas e mediadas pelas colegas da casa. Conseqüentemente e cada vez com maior intensidade, dirigia sua frustração à Dalva:

“A noite foi um bagaço de cana agarrado na garganta de Lucy. Possuída de aflição, tinha ímpetos de murros. (...) A essa altura, já não tinha dúvida de que a culpa era daquela vaca sofredora, com aquela cara de quem não se mistura. Vamos ver quem pode mais, gritou madrugada adentro” (Madeira, 2021, p. 33).

Foi sendo estabelecida uma dinâmica padrão: “quando a noite chegava, Venâncio botava Lucy para fora e, na manhã seguinte, ela revidava em Dalva na proporção da porrada” (Madeira, 2021, p. 129). Verificam-se, nesse cenário, os efeitos da punição: estabelecer o dano ao outro como reforçador e evocar respostas que o produzem. Tal comportamento de Lucy aparece quando

“envenenada empertigou, levantou o queixo, encheu o pulmão de ar e começou a falar alto. Olha quem vem lá: dona Dalva. Oh! Dona Dalva, conta pra gente o que que dói tanto? O que que a senhora anda negando pro seu marido que ele não sai daqui, vem todo dia ser bem tratado, hem? Divide sua cruz comigo, vaca. Você bem que gosta de espalhar seu sofrimento! Quer que todo mundo veja: olha como eu sofro, coitadinha de mim. Molha a calcinha ser vítima, não molha? E, esfregando o sexo, gemeu fingindo um orgasmo: ai, ai, ai que dor, que dor!” (Madeira, 2021, p. 127).

Diante disso, verifica-se então o surgimento das primeiras respostas do comportamento de Lucy, como exemplo:

“tinha feito troça do sofrimento de Dalva, que contava há anos com o silêncio respeitoso das putas. (...) Lá vem a sofredora, faz questão de sofrer todo o dia, não é boba de largar pra lá, que o sofrimento tem poder! (...) Olha que beleza, seu marido vai enfiar o pau dentro de mim hoje e nunca mais vai querer saber da sua buceta murcha” (Madeira, 2021, p. 128).

Não obstante, depois de finalmente conseguir ter relação sexual com Venâncio, utilizou disso a seu favor na disputa que travava:

“Beleza de homem, hem dona Dalva, mas, pra senhora, pode fazer as malas, que agora é meu. Provei, gostei e agora vou ficar com ele pra mim. Dalva sentiu um ódio novo de Venâncio. Imaginou os dois juntos, mas a raiva mesmo, a raiva maior, veio dele ainda viver dentro dela, o ciúme impunha sua escuridão, não tinha esquecido” (Madeira, 2021, p. 148).

Lucy tinha o objetivo de ferir Dalva. Seu episódio emocional ciumento se caracteriza por todas as respostas de falas direcionadas à rival e possui como momento final a agressão física, que ocorre em:

“Esperou Dalva com a boca amarga. Ela apareceu inabalável. (...) Queria o duelo, provocava, a vaca. Lucy saiu do alpendre e parou na frente de Dalva, segurou delicada nas mãos dela e levou seus dedos magros e sofridos à boca como se fosse tratá-los bem. Mordeu. Mordeu para arrancar” (Madeira, 2021, p. 129).

O comportamento ciumento pode ser analisado pelos elementos da relação triádica, em que Lucy é o sujeito que emite as respostas de ciúme, Venâncio é o objeto alvo do ciúme e Dalva, o sujeito disposto na situação de competição para Lucy. Identifica-se também a presença de uma disputa por reforçadores e de um aversivo condicionado (Dalva) como condição antecedente e a resposta do sujeito em direção ao afastamento do rival e a atenuação da situação de competição (reforçador negativo).

Após o episódio, a história revela uma continuação em que Lucy engravida de Venâncio. Ao comunicá-lo do acontecimento, Venâncio reage a ponto de quase agredi-la, mas Dalva aparece e impede esse desfecho. Quando o bebê nasce, Lucy deixa-o em frente à casa de Dalva, que o acolhe e decide criá-lo.

## DISCUSSÃO

Para realizar o exercício de interpretação do ciúme em *Tudo é rio* e fundamentar a discussão do presente trabalho, optou-se por uma busca de produções da literatura analítico-comportamental que dão ênfase a variáveis culturais na determinação do comportamento. Foram consultados a) artigos científicos; b) dissertações e teses; e c) capítulos em livros de autores da área. A partir dos materiais encontrados, utilizaram-se aqueles textos cujos conceitos abordados dão suporte a uma compreensão sociocultural do comportamento ciumento. Quando necessário, realizou-se uma interlocução com literaturas externas e complementares à analítico-comportamental (e.g., Psicologia Social, Antropologia, Sociologia).

Considerar a maneira com que os aspectos individuais e sociais se articulam nas vivências emocionais de Venâncio e Lucy exige uma análise situada na cultura e no contexto histórico, possibilitada pela interface da obra romântica com a realidade estrutural brasileira. A experiência de Venâncio e Dalva enquanto casal romântico heterossexual e de Venâncio e Lucy no contexto da prostituição, apesar de descrita em uma obra ficcional, retrata uma realidade no Brasil que é marcada por profundas desigualdades sociais, materiais, raciais e, nesse caso especialmente, de gênero. O enfoque se justifica simplesmente pelo acesso a essas características apresentadas na narrativa.

Nos episódios emocionais de Venâncio e Lucy, evidenciam-se tais configurações através dos comportamentos ciumentos, mas sobretudo, na história individual de cada personagem, na maneira pela qual agem no mundo e como são afetados por tal realidade. Há valores, discursos, práticas e hierarquias que sustentam parâmetros de relações interpessoais, e que funcionam por vias estruturais de forma a legitimar ou punir comportamentos emocionais em certos contextos ou com determinados indivíduos.

### **Poder e gênero**

O primeiro aspecto estrutural relevante a se notar nas interações entre organismo e ambiente em contingências emocionais de ciúme surge com a noção de poder. Nicolodi e Zanello (2023) conceituam-no como socialmente criado, expresso externamente nas relações e condizente com o momento histórico e contexto cultural vigente. Alinhado à perspectiva interacionista e contextualista da AC, o poder é sempre relativo, isto é, “só ocorre como parte das relações: um indivíduo pode ser poderoso em determinada relação e menos poderoso em outra” (p. 282).

Nesse âmbito, a concepção skinneriana aponta que poder não é um aspecto intrínseco ou uma característica interna a um indivíduo. Deve ser considerado nas “condições potenciais para o estabelecimento de contingências aos outros” (Nicolodi e Zanello, 2023, p. 282) em uma relação. Assim, o exercício do poder refere-se à liberação de reforçadores ou punidores nas interações sociais. Baum (2006) formula que

a discussão sobre poder diz respeito ao grau de controle que cada parceiro exerce sobre o comportamento do outro. Quando os parceiros se beneficiam de forma desigual do relacionamento, aquele que obtém mais benefícios também tem mais poder. Esse maior poder, tanto quanto o maior benefício, é o que nos leva a denominar esse parceiro de controlador (p. 231).

Tal compreensão implica em identificar que determinadas pessoas detêm diferentes possibilidades de dispor contingências, ou seja, detêm o domínio de reforçadores ou punidores alocados em contingências que controlam o comportamento de outras pessoas (Nicolodi e Zanello, 2023). A assimetria nesse controle dos recursos materiais, portanto, expõe um vetor de violência como direção do poder, sempre da parte mais poderosa para a menos. A nível cultural brasileiro, essa violência se expressa com alguns marcadores sociais como gênero, raça, classe e preconceitos capacitistas. Consequências estruturais estabelecem dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de subordinação, determinando assim a desigualdade de direitos e poder na sociedade.

Em uma leitura analítico-comportamental, a construção social de gênero pode ser entendida pelos conjuntos de contingências sociais diferenciadas para os indivíduos do sexo feminino ou masculino. Assim, o gênero se constrói a partir de comportamentos específicos culturalmente ensinados e atribuídos a homens e mulheres (respostas em determinados contextos, padrões de estética, funções e papéis sociais, discriminação de estímulos) (Nicolodi e Arantes, 2019).

Ruiz (2003) evidencia que o sexo designado no nascimento serve como estímulo discriminativo para certas práticas. Segundo a autora, professores do ensino fundamental, por exemplo, reforçam classes de respostas de seus alunos diferencialmente a depender do sexo: “se for menino, a qualidade do trabalho é reforçada. Se for menina, a aparência do trabalho” (Mizael, 2019, p. 49). Nesse aspecto, tal reforço diferencial é dado em diversos contextos e com relação a uma variedade de respostas ao longo da vida do indivíduo, conforme o gênero a ele atribuído pelo sexo. A comunidade verbal social (cultura) cumpre papel importante, por meio da linguagem (gestos, verbalizações, símbolos, regras), em modelar e manter padrões comportamentais que determinam comportamentos específicos a cada gênero.

Ao falar de práticas culturais generificadas, observa-se as formas de controle social relacionadas ao poder e a relações de dominância que levam diretamente ao nível de acesso que o homem pode ter a fontes de alocação de recursos. No contexto brasileiro, um índice significativo acerca dos números sobre feminicídio, indicado por Nicolodi e Arantes (2019), expõe o quadro assimétrico de disposição de contingências entre gêneros, encontrado no *Mapa da Violência sobre homicídios de mulheres no Brasil em 2015*. Nele, registra-se que o número de morte de mulheres por feminicídio no país passou de 1.533 no ano de 1980 para 4.762 em 2013, indicando um crescimento de 252% no número de mulheres assassinadas. Desse modo, o Brasil fica em quinta posição entre os países que mais matam mulheres em um grupo de 83 países analisados em Waiselfisz (2015), com dados homogêneos fornecidos pela Organização Mundial da Saúde.

Evidencia-se, assim, que mulheres dispõem de menor acesso a reforçadores sociais em comparação ao acesso masculino a esses mesmos reforçadores. Acrescido a isso, pesquisas como a do Anuário de Segurança Pública (ABSP) de 2020 mostram que cerca de 90% das vítimas de feminicídio são assassinadas por companheiros ou ex-companheiros. Nesse sentido, não são homens ocasionais que cometem esses assassinatos: são precisamente aqueles com quem as vítimas tiveram um vínculo romântico, monogâmico e heteronormativo (Nuñez, 2023).

Nicolodi e Arantes (2019) ilustram que em uma relação heterossexual e monogâmica, a consequência após o homem fazer uso de violência física provavelmente será ter seu pedido atendido pela esposa, beneficiando-se de forma desigual com relação à mulher. Portanto, ele promove um grau de controle distinto do controle exercido pela esposa na relação. As autoras complementam que a mulher está com as possibilidades de escolha “genuinamente restringidas pelas contingências em questão, pois quem dispõe a contingência dentro da qual ela responde é quem detém mais poder na relação, ou seja, o marido” (p. 75).

Os três episódios emocionais de *Tudo é rio* selecionados para discussão demonstram como experiências de ciúme e suas configurações em relações heteroafetivas podem expressar relações de poder com posições de privilégios concedidos aos homens e de vulnerabilizações atribuídas às mulheres. As situações de ameaça da perda de reforçadores sinalizavam para Venâncio, a nível pessoal, o fim do acesso a reforçadores imediatos da relação com Dalva. Entretanto, indicavam também a possibilidade de perda do poder e privilégio concedido a ela na relação, inclusive em disputa com outros homens. Venâncio estava sob controle de um estímulo aversivo condicionado produzido também por contingências culturais: o poder de outro homem sobre a mulher com quem se relacionava.

Os comportamentos precorrentes ao momento de agressão a Bambu no Episódio I, sobretudo as preocupações e fantasias que Venâncio tinha sobre os amigos e familiares de Dalva, exemplificam a capacidade assimétrica de dispor contingências no relacionamento. Venâncio incomodava-se com a atenção dada à Dalva quando cantava, dançava, de forma a encantar todos na sala. “Seriam tomados por um desejo incontável de conquistá-la” (Madeira, 2021, p. 94), o que implicaria para ele a perda de seu lugar, de recursos, do domínio na alocação de contingências que controlam comportamentos do outro. Diante disso, “queria apagar a luz de Dalva na sala e acender no quarto, só para ele” (Madeira, 2021, p. 94). O exercício de poder aparece sobre a relação entre o casal e sobre o corpo de Dalva, em que práticas controladoras não equitativas estabelecem, na interação, a terceirização do corpo da mulher para o homem: a objetificação, o controle, o cerceamento.

As respostas emocionais de ciúme de Venâncio caracterizadas por topografias violentas também são indicadoras da diferença de poder existente nas relações desiguais entre homens e mulheres. O *Relógio da Violência* do Instituto Maria da Penha (IMP, 2017) registra, em média, uma mulher sendo vítima de violência a cada 7,2 segundos no Brasil e, a cada 6,3 segundos, vítima de ameaça de violência pelos seus parceiros. Trata-se de mulheres, assim como Dalva, inseridas em contingências que reduzem suas possibilidades de escolhas genuínas, ou seja, contingências de opressão feminina que estabelecem restrições as suas liberdades (Nicolodi e Arantes, 2019).

Essa organização social sistemática que confere aos homens maior poder também estrutura uma aprendizagem social mediada através dos dispositivos de gênero. Uma série de comportamentos culturalmente transmitidos são reforçados e punidos de modo a defender e preservar um projeto do que é ser mulher e o que é ser homem. Por exemplo, identificam-se diferenças relevantes em como homens e mulheres aprendem a nomear suas próprias emoções ao longo da vida. Nuñez (2023) complementa que “homens cis-hétero brancos vivem uma escassez de ferramentas para lidar com aquilo que foge ao que esperavam, sendo ensinados a reagir e a responder sobretudo a partir da violência” (p. 130). Na obra, a figura do pai de Venâncio é representativa desse aspecto.

A relação de Venâncio com o pai assinala traços de uma preservação generificada da masculinidade, em que os erros e as emoções, por exemplo, eram seguidos de punição:

“sentiu muita raiva de si mesmo. Lembrou da primeira vez que odiou seu pai. Foi na hora do almoço, ele era muito pequeno e derramou um copo de suco na toalha branca. O pai bateu a cara dele na toalha molhada até o nariz sangrar. Pra você aprender a prestar atenção, falou aos berros” (Madeira, 2021, p. 142).

A história de interações de Venâncio com seu pai, sobretudo em episódios emocionais, caracteriza-se por constantes respostas de violência. As emoções que sentia eram subprodutos das contingências aversivas em vigor: “repassou um a um os piores momentos. O suco na toalha, as grosserias repentinas, as reclamações constantes, a violência física, o humor desagradável. A vergonha de ser seu filho” (Madeira, 2021, p. 155). As respostas agressivas de Venâncio possivelmente foram selecionadas por modelação e/ou reforçamento negativo ao longo de sua história pessoal, pelos modelos comportamentais ensinados pelo pai e ao buscar o afastamento/fim da presença deste aversivo condicionado, respectivamente. Nota-se, nesse sentido, um repertório comportamental determinado concomitantemente por fatores culturais e eventos pessoais, presente em contingências emocionais de ciúme.

O significado atribuído aos rivais nos episódios de ciúme representa uma história em que se produziu punição decorrente de contingências ontogênicas e culturais. Na relação entre Venâncio e Bambu, o rival é um estímulo aversivo condicionado que ameaça o poder do homem sobre a disposição de reforçadores ou punidores para com a companheira. A agressão ao bebê também pode ser analisada por essa perspectiva, além de representar a perda de atenção, carinho e outros reforçadores positivos generalizados antes mantidos pela mulher. Respostas agressivas que afastariam ambos os rivais seriam evocadas e reforçadas. Porém, ao direcionar a agressão à Dalva, Venâncio rompe com o padrão até então descrito em que o alvo do ciúme havia sido o rival.

No trecho “ele teria ido embora se ela tivesse um filho de outro homem” (Madeira, 2021, p. 204), indica-se que Dalva potencialmente se tornaria rival caso fizesse aquilo que Venâncio fez a ela. Nesse caso, a traição também se expressa pela assimetria. Entretanto, ao se resgatar o momento em que Dalva é colocada no papel de rival quando é violentada por Venâncio, no episódio de ciúme, destaca-se um aspecto diferente, contraditório. Faz-se necessário compreender quais contingências específicas estão envolvidas na alteração do valor reforçador de Dalva, que passa de objeto alvo do comportamento emocional ciumento – quem no fim era desejada e por quem ele sentia ciúme – para uma rival sinalizadora de ameaça.

### **Contingências patriarcais**

Poder e gênero são conceitos centrais para compreender como a dominação masculina se manifesta nas relações. São ampliados para uma concepção global ao se falar de patriarcado, sistema social que institucionaliza e explora a hierarquia entre homens e mulheres, aqueles concentrando maior acesso a reforçadores. O patriarcado “se refere a um conjunto de comportamentos, regras e contingências sociais que se baseiam centralmente em um

desequilíbrio de poder que gera supremacia masculina e opressão de mulheres” (Nicolodi e Zanello, 2023, p. 285).

A partir de uma estrutura de poder centralizada no homem, o patriarcado possui características singulares em seu delineamento (Guimarães e Zanello, 2022): exige uma centralidade dos parâmetros heteronormativos; a validação do matrimônio enquanto único contrato social legítimo; expectativa de que as mulheres se dediquem e comprometam com os homens por meio da monogamia e dos cuidados domésticos; e a tolerância para com o baixo investimento deles no relacionamento amoroso. Estabelece, dessa forma, um sistema que produz coerção aos corpos e existência das mulheres.

Núñez (2023) aponta que “a monogamia faz parte da conjuntura da família defendida pelo Estado, caracterizada também pela heterocisnorma que orienta a misoginia e as demais violências sofridas por pessoas sexo-gênero dissidentes” (p. 37). A autora complementa que a percepção acerca da violência contra as mulheres foi naturalizada enquanto expressão única do machismo, o que oculta o quanto a monogamia é o alimento ideológico para essas práticas. A proposição de um contrato mútuo de exclusividade sexual, arquitetado dentro da assimetria de poder, expressa a opressão de mulheres através das renúncias e centralizações reivindicadas no matrimônio.

Em *Tudo é rio*, observa-se a monogamia atuando como agência de controle quando Venâncio recorre à Dalva: “dentro, um anel de noivado. Estava sendo pedida em casamento” (Madeira, 2021, p. 99). Logo após ter vivenciado o episódio de ciúme em que Bambu indicava uma disputa de reforçadores, Venâncio decide apostar no contrato da monogamia. Costa (2019) explica que

após a ocorrência da agressão, que é o ápice da fase da explosão, vem a fase da reconciliação. Nesta fase, o companheiro agressor busca se reaproximar da mulher para manter a relação. Frequentemente ele apresenta comportamentos de arrependimento, chantagem emocional e variabilidade comportamental para conquistar o perdão da parceira (p. 250).

O pedido em casamento poderia ser compreendido como uma “prova de amor”, em uma leitura descontextualizada. Porém, o comportamento de Venâncio demonstra que o matrimônio funcionaria como uma negociação. O combinado mútuo assinala um arranjo de contingências que supostamente garante a fidelidade conjugal, ao se abdicar de tudo que é necessário para isso. Entretanto, o acordo se mostra coercitivo na medida em que a mulher, de forma universal, abdica de mais reforçadores que o homem (e.g., cuidado e investimento voltados à relação e ao companheiro, às tarefas domésticas, à maternagem). Em contrapartida, Venâncio remove a ameaça da perda de poder e controle sobre a relação: “hoje, não! Hoje,

todos vão saber que ela é minha pra sempre, não há o que temer. Se agarrou a essa ideia com força, ainda que no fundo, lá, no lugar onde a carne encontra o osso, ele sentisse o peso do ciúme” (Madeira, 2021, p. 107).

O episódio de agressão à Dalva pode ser analisado de maneira mais complexa sob a ótica de contingências patriarcais, para além do machismo. Como já mencionado, diferente do papel (rival) que Bambu e o bebê ocuparam nas contingências do comportamento ciumento de Venâncio, Dalva era objeto alvo, ao mesmo tempo, de desejo e rivalidade. Em outras palavras, tinha um valor reforçador de alta magnitude, mas também se tornou um estímulo aversivo condicionado diante de uma história de punição. Indica-se que tal história de controle aversivo refere-se a contingências do terceiro nível de seleção, em que Dalva foge dos papéis culturais predeterminados às mulheres.

Nicolodi e Zanello (2023) apresentam a ideia de heterocentrismo nas relações conjugais tais como de Venâncio e Dalva. Tal conceito sugere que “mulheres aprendem que devem sempre atender e priorizar os interesses, demandas, anseios dos outros em detrimento dos próprios” (p. 290). Por outro lado, homens aprendem o egocentrismo, ou seja, priorizam sempre seus próprios interesses a despeito daqueles alheios. Homens, protegidos por uma estrutura patriarcal que os confere amplo acesso a reforçadores, aprendem a amar muitas coisas. Mulheres, inseridas social e historicamente em posições de subalternidade, aprendem a amar homens.

Quando Venâncio percebe a atenção de Dalva voltar-se a interesses próprios, senão aos do próprio filho, não se evidencia uma disputa imediata proveniente de um terceiro em vigor. Ao que tudo indica, ao passo em que Dalva investia no bebê, deixava de investir e reduzia a atenção a Venâncio – que começou a perder reforçadores diretos. Adicionalmente, por processos comportamentais de equivalência de estímulos e contingências de punição circunscritas à norma patriarcal, o cuidado direcionado ao bebê pode ter simbolizado uma perda para Venâncio, cujos interesses não estavam mais em primazia. As condições de privilégio recaíram sobre uma nova relação que não o incluía diretamente, e o poder conferido a ele e assegurado no vínculo monogâmico malogrou. A resposta de Venâncio surgiu, nesse novo cenário, ao perceber que se tornou incapaz de dispor as contingências como antes:

“Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava às mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo, tardes inteiras cantando canções de ninar com uma voz débil, daquelas que os adultos fazem quando pensam encantar as crianças. Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele e foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela

barriga crescia um ladrão que ia roubar para sempre a mulher de sua vida” (Madeira, 2021, p. 20).

A ordem patriarcal segue intacta se há preservação do poder masculino de liberação de reforçadores/punidores nas relações sociais. Isso singulariza uma forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens (Pateman, 1993). Nos episódios de ciúme, as respostas de Venâncio nas situações de competição relacionam-se ao exercício de poder disposto exclusivamente a homens diante de contingências patriarcais. Entretanto, contingências vigentes do patriarcado demonstram produzir consequências diferentes, para homens e mulheres, para um mesmo feito (Nicolodi e Zanello, 2023). Enxerga-se essa distinção nos comportamentos ciumentos de Venâncio e Lucy. Tais contingências de competição por reforçadores para homens e mulheres, portanto, também se caracterizam pelas assimetrias de poder: “ela feriu a mulher que odeia; ele, a mulher que ama” (Madeira, 2021, p. 142).

Ao contrário de Venâncio que, em sua posição de privilégio na hierarquia patriarcal, ataca o objeto que deseja, Lucy ataca outra mulher, sua rival. Lucy e Dalva nunca haviam se visto, não se conheciam. Sem ter havido contato direto, a história de punição da qual o comportamento ciumento de Lucy é função tem origem em contingências culturais. Dalva se torna um estímulo aversivo condicionado por pareamento de estímulos, evocativo para respostas de ciúme e de ataques de Lucy, caracterizando uma contingência de rivalidade feminina historicamente demarcada:

as mulheres se subjetivam na relação umas com as outras por meio da rivalidade. Trata-se de “ser escolhida”, quero ser o objeto mais brilhante, mais reluzente, ou apagar o brilho alheio. A competição de faz aqui evidente. Ser escolhida é sempre um valor relacional, ou seja, produzido na comparação com outras mulheres disponíveis também nessa prateleira simbólica (Zanello, 2018, p. 89).

Lucy é uma personagem que representa um processo de determinação cultural ao qual mulheres na sociedade brasileira se sujeitam: o privilégio de escolha e de validação atribuído unicamente aos homens. Os caminhos de aprendizagem social para mulheres, como vemos na história de Lucy, reforçam uma série de contingências entrelaçadas que orientam para a rivalidade. Segundo Nicolodi e Zanello (2023), o “ser escolhida” possui uma magnitude reforçadora poderosa, criando uma disputa entre mulheres por se fazerem escolhidas pelos homens. O corpo e a beleza, como no contexto da prostituição, “passam a ser um capital simbólico e matrimonial, pois o estímulo adquire função da contingência patriarcal, garantindo às mulheres acesso a reforçadores sociais que dão a elas ‘pertencimento’ a determinada comunidade verbal” (p. 288).

Ao longo da narrativa, observam-se diversos comportamentos de Lucy descritos em contingências de rivalidade. Quando adolescente, em “as senhoras mais respeitadas se uniam para exigir de Deus que tornasse difícil a vida fácil dela” (Madeira, 2021, p. 12). Ao trabalhar na casa de prostituição, em “precisava das outras putas para se ver melhor, apreciar a inveja que a diferença entre elas ia esfregar no nariz de cada uma” (p. 119). E, finalmente, nos comportamentos ciumentos na disputa com Dalva:

“Lá vem a sofredora, faz questão de sofrer todo o dia, não é boba de largar pra lá, que o sofrimento tem poder! (...) Olha que beleza, seu marido vai enfiar o pau dentro de mim hoje e nunca mais vai querer saber da sua buceta murcha” (Madeira, 2021, p. 128).

Não obstante, Lucy também vive a busca por ser escolhida na prateleira metafórica do amor (Guimarães e Zanello, 2022), compreendida como um arranjo de contingências sociais com descrições específicas que governam comportamentos de mulheres. Isso contribui para que suas experiências afetivas e eróticas fossem determinadas por processos de (auto)objetificação, derivados de regras sociais que prometem que certo ideal estético e valorativo, nos padrões de escolha masculinos, garante sucesso e reconhecimento enquanto sujeito. Isso aparece em: “uma beleza disputada a tapa pelos frequentadores dava a ela o poder de não bastar aos olhos: quem via Lucy queria degustar” (Madeira, 2021, p. 11).

A constante rejeição de Venâncio por Lucy também é fator de contingências patriarcais. Não apenas porque a colocava em posição subordinada de “pensar a si na voz passiva, na qual o outro é sempre sujeito, as conjecturas sendo sempre sobre o que ele quer ou não, gosta ou não” (Nuñez, 2023, p. 131), mas pelo fato de que o comportamento de rejeição estava sob controle de um acordo simbólico masculino. Nas dinâmicas de desequilíbrio de poder, enquanto são avaliadores de mulheres, os homens são avaliados, julgados e sensibilizados apenas por outros homens (Nicolodi e Zanello, 2023). Evidencia-se isso no trecho:

“aquela mão que enfiava os dedos em Lucy era de Bambu. Reviveu o passado. Sofreu ao pensar que, para ele, Dalva ainda teria um olhar, uma palavra gentil, um abraço de saudade, conversaria sobre coisas sem importância, daria notícias da família, talvez segurasse nas mãos dele com vontade de confessar toda sua dor, enquanto que, para ele, Venâncio, restava só o desamor, nenhum olhar, nenhuma palavra, nenhuma esperança. Estava condenado ao inferno de não ter perdão. Odiou Bambu mais uma vez. Lembrou a promessa feita aos berros: Você não encosta a mão no que é meu, que eu não encosto a mão no que é seu, seu merda. (...) Magrelo asqueroso. Vagabunda. Renovou a promessa” (Madeira, 2021, p. 123).

Considera-se, finalmente, que as repostas ciumentas de Lucy são determinadas por variáveis culturais e políticas de opressão histórica, além de contingências filo e ontogenéticas.

No ciúme feminino, quando a rival também se trata de uma mulher – dinâmica já por si socialmente construída –, o alvo não é mais o homem, mas o reconhecimento (“ser escolhida”) que dele pode advir (Zanello, 2018). Em outros termos, os reforçadores em disputa dizem respeito aos comportamentos dispostos pelas condições estabelecidas na assimetria de poder: o valor da escolha e decisão do homem. Lucy descreve tal aspecto em: “mas ter Venâncio ainda era pouco, muito mesmo seria Dalva não ter mais” (Madeira, 2021, p. 148).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo discutir de que maneira contingências culturais agem sobre comportamentos ciumentos a partir da história de vida das personagens da obra *Tudo é rio*. A partir deste estudo, sugere-se que a identificação de variáveis de poder e privilégio – comumente tida como invisíveis – e o mapeamento de contingências patriarcais entrelaçadas se mostram fundamentais para uma análise da classe de respostas nomeada como ciúme. As contingências em que se inserem as personagens Venâncio e Lucy explicitam características fundamentais para compreender como comportamentos ciumentos são distintamente determinados por estruturas sociais de poder.

Indica-se que análises baseadas em personagens fictícias podem servir como modelo para análises semelhantes, aplicadas a casos reais. O presente estudo acaba por evidenciar um modo de analisar relacionalmente contingências individuais e culturais nos comportamentos ciumentos. Nesse sentido, tal articulação apresenta relevância para a área no que se refere ao próprio compromisso epistemológico de como se compreende o objeto de estudo da filosofia behaviorista radical.

Com o viés contextualista da AC e a abertura para possíveis diálogos com outras áreas de conhecimento, enfatiza-se que as contingências do patriarcado, enquanto organização social sistemática, selecionam uma série de repertórios comportamentais de acordo com gênero. Isso implica na compreensão de que uma mulher se comporta sob controle dos pilares de dispositivos de subjetivação, isto é, conjuntos específicos de contingências sociais (e.g., dispositivo amoroso, materno), caracterizados primordialmente pelo controle aversivo. Além disso, observa-se a seleção de repertórios comportamentais que preservam a raiz do patriarcado, com função de maximizar o poder dos homens e fortalecer a capacidade de dispor contingências, de modo a continuamente inserir mulheres em posição de subalternidade.

Analisar o ciúme a partir da lógica interacionista evita explicações mentalistas que culpabilizam os indivíduos, retroalimentadas por uma cultura que atribui emoções e sentimentos a características pessoais. Olhar para as condições dispostas no ambiente determinantes dos comportamentos permite a tentativa mais eficaz de se produzir mudanças, caminhando para o sentido da resolução de problemas que afligem o ser humano. Para isso, faz-se necessário considerar que as condições estabelecidas no ambiente também são fruto do comportamento humano, e que arranjos de contingências como as de opressão não são naturais e imutáveis.

Embora a interpretação das variáveis ontogênicas descritas restritamente na história de

Venâncio e Lucy tenha sustentado a análise a nível cultural proposta, a circunstância de se tratar de comportamentos fictícios se apresenta como um dos limites desta pesquisa. A autora da obra tem seu comportamento sujeito às contingências de reforçamento, porém não necessariamente as personagens. As contingências da narrativa possuem verossimilhança com a realidade social brasileira, mas não são descritas com o detalhamento para uma análise complexa, isto é, não há garantia de que dizem respeito a contingências tangíveis. Por esse motivo também não se tornou possível abordar recortes de classe, raça e capacitismo na elaboração da discussão – fundamentais para uma maior compreensão dos possíveis determinantes do ciúme, uma vez que as opressões não são experienciadas de maneira homogênea.

Logo, é necessário que estudos futuros ampliem as análises de comportamentos incluindo variáveis específicas das demais categorias que assinalam dinâmicas assimétricas de poder na sociedade. Até agora, a perspectiva analítico-comportamental pôde oferecer contribuições sobre como operam tecnologias de gênero e como dispositivos de subjetivação selecionam repertórios indesejados em uma cultura de desigualdade de poder entre homens e mulheres. Partindo disso, novas pesquisas poderão ressaltar o papel do terceiro nível de seleção comportamental e explicitar quais outras práticas culturais também são relevantes na determinação do ciúme.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, M. A. Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 2(2), 203–217, 2017. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i2.69>. Acesso em: 29 set. 2023.

ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N.; SÉRIO, T. Modo causal de seleção por consequências e a explicação do comportamento. In: ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N.; SÉRIO, T. M. de A. P. *Comportamento e causalidade*, 2009.

BAUM, W. M. *Compreender o behaviorismo*. Porto Alegre: Artmed; 2006. (Trabalho original publicado em 1994).

COSTA, A. Contribuições do feminismo para a compreensão e intervenção em casos de relacionamento abusivo. In: PINHEIRO, R.; MIZAEEL, T. (org). *Debates sobre o feminismo e análise do comportamento*. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019, p. 244 – 263.

COSTA, N. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 05-14, jun. 2005. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452005000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 24 mar. 2023.

COSTA, N. Busca de definição operacional de ciúme: uma construção teórica e empírica/Maria de Nazaré Pereira da Costa; orientador, Romariz da Silva Barros. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, Belém, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-93708/busca-de-definicao-operacional-de-ciume--uma-construcao-teorica-e-empirica>.

COSTA, N.; BARROS, R. Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. *Acta comport.*, Guadalajara, v. 18, n. 1, p. 135-149, 2009. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S018881452010000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018881452010000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 21 out. 2023.

DARWICH, R. A.; TOURINHO, E. Z. Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por consequências. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 7(1), 107–118, 2005. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i1.46>. Acesso em 29 nov. 2023.

FONSECA JÚNIOR, A. R. Inter-relação entre pesquisa e tecnologia comportamental. In: LETTIERI, D.; LÔBO, D.; CACAU, I. Análise do Comportamento e suas aplicações: Possibilidades e desafios. Fortaleza: Imagine Publicações, 2020. Acesso em: 12 mar. 2023.

FONTANA, J.; LAURENTI, C. Tríplice contingência cultural: uma proposta de explicação comportamental da cultura. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 24, n. 3, dec. 2020. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/66012>>. Acesso em: 02 abr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/riep.v24i3.66012>.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019. 2019; 13:1 – 205. Acesso em: 8 abr 2024.

GLENN, S. S. Verbal behavior and cultural practices. *Behavior Analysis and Social Action*, 7 (1-2), 10-15, 1989.

GOMES, R. L. L. Resenha de Tudo é rio, de Carla Madeira. *Revista do periódico Ao Pé da Letra*, v. 23, n.1, Universidade Federal de Pernambuco, 2021. ISSN:1984-7408. Acesso em: 15 de jun. 2023.

GUIMARÃES, M. C.; ZANELLO, V. Enciumar(-se), experiência feminina? Dilemas narcísicos sob a ótica interseccional de gênero. *Revista de Psicologia (Lima)*, v.49, p. 1133-1174, 2022. Acesso em: 8 abr 2024.

GUIMARÃES, M.; ZANELLO, V. Ciúmes nas vivências de homens e mulheres: considerações críticas do campo psi. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2023. DOI: 10.9771/rf.v11i1.47700. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/47700>. Acesso em: 29 set. 2023.

Instituto Maria da Penha. Relógio da Violência, 2017. Recuperado de: <https://www.relogiosdaviolencia.com.br>. Acesso em: 8 abr 2024.

LAZZERI, F. Um estudo sobre definições do comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2015. ISSN 2526-6551. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/2131>>. Acesso em: 02 abr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v9i1.2131>.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E.; ARAUJO, S. F. Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos. São Paulo: Hogrefe, 2016.

MADEIRA, C. *Tudo é rio*. São Paulo: Record, 2021.

MALAVAZZI, D. M.; MICHELETTO, N. Interpretação: Um Objetivo e um Método da Ciência de BF Skinner. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 37, 2021.

MENEZES, A.; CASTRO, F. O ciúme romântico: Uma abordagem analítico-comportamental. Trabalho apresentado no X Encontro Brasileiro de Medicina e Terapia Comportamental, Campinas, São Paulo, 2001.

MIZAEL, T. Pontes entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento. *In: PINHEIRO, R.; MIZAEL, T. (org.). Debates sobre o feminismo e análise do comportamento*. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019, p. 40 – 62.

NEVES, A. B.; CIHON, T. Análise Funcional Culturo-Comportamental: Diretrizes para incluir fenômenos culturais na clínica analítico comportamental. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 103–121, 2023. <https://doi.org/10.18761/vecc0122023>. Acesso em: 29 set. 2023.

NICOLODI, L.; ARANTES, A. Poder e patriarcado: contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. *In: PINHEIRO, R.; MIZAEL, T. (org.). Debates sobre o feminismo e análise do comportamento*. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019, p. 64 – 83.

NICOLODI, L.; ZANELLO, V. Poder patriarcado e dispositivos de gênero no manejo clínico analítico-comportamental. *In: OSHIRO, C.; VARTANIAN, J. Habilidades terapêuticas na prática da psicoterapia*. São Paulo: Manole, 2023, p. 281 – 293.

NÚÑEZ, G. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo, Planeta do Brasil, 2023.

Organização das Nações Unidas. Minimum set of gender indicators, 2015. Recuperado de: <https://genderstats.un.org>. Acesso em: 8 abr 2024.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PINES, A. & ARONSON, E. Antecedents, correlates and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51, 108-136, 1983.

RÉ, A. D. Quem é Carla Madeira, a segunda escritora mais lida no Brasil em 2021. CNN Brasil, 28 dez 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/quem-e-carla-madeira-a-segunda-escritora-mais-lida-no-brasil-em-2021/>. Acesso em: 18 out 2023.

RICO, V. V.; GOLFETO, R e HAMASAKI, E. I. M. Sentimentos. Hubner, M. M., & Moreira, M. B. (2012). Fundamentos de Psicologia: temas clássicos de Psicologia à luz da Análise do Comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

RUIZ, M. R. Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4, 12-16, 2003. Acesso em 8 abr 2024.

SANTOS, J. A.; ROSE, J. C. C. de. A importância do reforço natural na formação do hábito de leitura. *Revista Olhar*, ano 1 - nº 2, dez, 1999. Acesso em: 29 set. 2023.

SARLET, G. B. S.; RITT, C. F. Notas sobre o enfrentamento e o combate à violência contra a mulher no atual contexto brasileiro em face da obra “Tudo é rio”, de Carla Madeira. *Revista da AJURIS - QUALIS A2*, [S. 1.], v. 49, n. 152, p. 93–126, 2022. Disponível em: <https://revistadaajuris.ajuris.org.br/index.php/REVAJURIS/article/view/1245>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SIDMAN, M. Coerção e suas implicações. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2011. (Trabalho original publicado em 1995).

SKINNER, B. F. The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294, 1945.

SKINNER, B. F. *Science and human behavior*. New York, NY: The Free Press, 1965. (Trabalho original publicado em 1953).

SKINNER, B. F. The phylogeny and ontogeny of behavior. *In*: SKINNER, B. F. *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice Hall, 1969. p. 172–217.

SKINNER, B. F. *Walden two*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1976 (Trabalho original publicado em 1948).

SKINNER, B. F. Selection by consequences. *Science*, vol. 21, issue 4507, pp. 501–504, 1981. doi:10.1126/science.7244649. Acesso em: 12 mar. 2023.

SKINNER, B. F. Sobre o behaviorismo (Tradução de M. da P. Villalobos). São Paulo: Cultrix, 1982. (Trabalho original publicado em 1974).

STRAPASSON, B. A., CARRARA, K.; JÚNIOR, J. L. Consequências da interpretação funcional de termos psicológicos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 227-239, 2007. Acesso em: 29 set. 2023.

THOMAZ, C. R. C. Episódios emocionais como interações entre operantes e respondentes. BORGES, N. B., & CASSAS, F. A. (2012). *Clínica analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

TOURINHO, E. Z. *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo: Paradigma, 2009.

VASCONCELOS, F. M. O ciúme na análise do comportamento: contribuições teórico-empíricas. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2011. Disponível em <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3031>>. Acesso em 24 mar. 2023.

WAISELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. *Flacso Brasil*, 1, 83. <https://doi.org/10.1017/>. Acesso em 8 abr 2024.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris, 2018. Acesso em: 8 abr 2024.